

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS**

FACULDADE DE FILOSOFIA

GABRIEL DEUS DA COSTA SILVA

**A BUSCA DE FELICIDADE NA PERSPECTIVA DE SANTO AGOSTINHO E
OS DESAFIOS NA PÓS-MODERNIDADE**

CAMPINAS

2021

GABRIEL DEUS DA COSTA SILVA

**A BUSCA DE FELICIDADE NA PERSPECTIVA DE SANTO AGOSTINHO E
OS DESAFIOS NA PÓS-MODERNIDADE**

Monografia de Trabalho de Conclusão de
Curso de Filosofia da Pontifícia Universidade
Católica de Campinas, sob orientação do Prof.
Dr. Pe. José Antonio Trasferetti, para obtenção
do título acadêmico de Bacharel em Filosofia.

CAMPINAS

2021

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS**

FACULDADE DE FILOSOFIA

GABRIEL DEUS DA COSTA SILVA

**A BUSCA DE FELICIDADE NA PERSPECTIVA DE SANTO AGOSTINHO E
OS DESAFIOS NA PÓS-MODERNIDADE**

Monografia de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas como requisito final para obtenção do título acadêmico de Bacharel em Filosofia, sob orientação do Prof. Dr. Pe. José Antonio Trasferetti.

Julgado e aprovado em ____/____/____

Considerações

Prof. Dr. Pe. José Antonio Trasferetti
Docente da Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Orientador

CAMPINAS

2021

A Jesus Cristo, Filho unigênito de Deus;

À Santíssima Virgem Maria Senhora de
Aparecida, Rainha e Padroeira do Brasil;

À Igreja, corpo místico de Cristo, povo
eleito, sacerdócio régio e nação santa;

A Santo Agostinho, doutor da Igreja e
modelo de sabedoria, felicidade e
dedicação;

A meus pais, Dorival Costa e Lindinalva
Deus, a meu irmão Matheus Deus, e a
todos os membros da minha família;

A todos os meus amigos e irmãos de
seminário, que todos os dias me ensinam
e ajudam a crescer, em especial meu
irmão de caminhada, Emerson
Fernandes;

Ao povo de Deus desta Arquidiocese de
Campinas, que me acolhem em suas
orações.

AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte infinita de amor e sabedoria, que no batismo me acolheu a Sua filiação divina e com Sua mão onipotente e misericordiosa tocou-me, chamou-me, apontou-me o caminho e sustentou-me até este momento da formação presbiteral. A Virgem Santíssima, Nossa Senhora da Conceição, a São José, a Santo Agostinho e Santa Mônica, Santa Teresa de Ávila e Santo Antônio de Pádua, meus fieis intercessores, companheiros nas orações e nos meus estudos.

Agradeço a Arquidiocese de Campinas, na pessoa de Dom João Inácio Müller, Arcebispo Metropolitano, por todo auxílio no desenvolvimento deste trabalho, toda confiança e motivação na minha vocação.

Aos formadores desta Igreja particular, em especial: Padre Paulo Roberto Sampaio Staut, que foi meu formador no seminário propedêutico, Padre Jonas Barbosa da Silva, que foi meu reitor no primeiro ano do curso de filosofia, e ao Padre Odair Costa Nogueira, que atualmente é o reitor deste seminário de filosofia. Gratidão pela paciência e por me ensinarem não somente com simples palavras, mas também com o testemunho de vida de cada um. Aos Demais padre que exercem alguma função no seminário, em especial: Padre Tarcísio Pereira Machado, diretor espiritual, e ao Padre Claudio Wilson Müller, diretor de estudos. Estendo meu eterno agradecimento, ao Padre Caio Augusto de Andrade, meu pároco de pastoral que me deu todo suporte com livros e o incentivo necessário para a elaboração deste trabalho.

Afetuosos agradecimentos a Pontifícia Universidade Católica de Campinas, e sua Faculdade de Filosofia, mesmo diante da pandemia do COVID-19, não deixou de prestar todo auxílio e ajuda aos alunos, com tudo isso, demos conta dos estudos. Na pessoa de meu professor e orientador monográfico, Prof. Dr. Pe. José Antônio Trasferetti, agradeço ao corpo docente da faculdade e todos os demais funcionários que foram facilitadores deste processo de ensino e aprendizagem nesses anos de curso. Mais uma vez, obrigado por todo aprendizado.

Aos meus familiares, de forma muito afetuosa aos meus pais Dorival da Costa Silva e Lindinalva Deus da Costa Silva, que me deram a graça da vida e me educaram na fé, e atenderam as necessidades das fases do meu crescimento, e meu irmão Matheus Deus da Costa Silva, que é um grande companheiro e amigo de todos os momentos, que participa das minhas alegrias e tristezas, conquistas e desafios. Aos meus avós paternos: Maria Aparecida Costa da Silva (In memoriam), e Manoel José da Silva (In memoriam), avós maternos: Mari Neusa da Silva Deus, e José Acelino dos Santos Deus, gratidão por acreditarem na minha vocação, pela luta, garra e força em constituírem tão precioso dom e presente, que são nossas famílias. Estendo ainda meus agradecimentos por todos que se unem pelos laços de sangue e espírito, ao querido povo de Deus, sobretudo pela esperança em minha vocação, acompanhada de suas preces e orações.

Agradeço aos meus amigos pelas amizades construídas, em especial: Gustavo Henrique Ortiz Camargo, aos meus irmãos de turma: Artur Pinto de Moura Neto, Danilo Nunciaroni, Denilson do Nascimento de Barros, Elias Chagas Pinto Junior, Felipe Teixeira Pereira, Gabriel de Sena, João Henrique Bento, Lucas Prado Azevedo, Marcelo de Oliveira Grana, Sanler Barbosa da Silva. A toda turma que conviveu comigo, vocês contribuíram, acompanharam e intercederam pelo bom êxito desse estudo filosófico. Gratidão por todo convívio e amizade.

A todo povo de Deus, em especial minha paróquia de origem Santa Teresa de Ávila, na pessoa de seu pároco: Monsenhor José Eduardo Meschiatti, a quem devo muito, gratidão por ser tão próximo e amigo, o sacerdote que me viu crescer, celebrou minha primeira eucaristia, me acompanhou na crisma, e me enviou para o seminário, eterna gratidão e estima, e ao querido povo desta paróquia que tanto me faz bem e me incentivam incansavelmente. De forma muito especial, gostaria de agradecer a Professora Daniele Kobayashi, que realizou a correção e organizou cada espaço deste trabalho, gratidão. Ao lindo e fervoroso povo da paróquia Santo Antônio de Indaiatuba, na pessoa de seu administrador paroquial: Padre Bruno Alencar Alexandroni, e Diácono Henrique Mateus Biondo Costa, aonde exerço meu trabalho pastoral até o atual momento, gratidão por toda ajuda, apoio e orações.

Por fim, agradeço ao meu querido irmão e amigo: Emerson Fernandes de Jesus, que ao longo desses anos, me ensinou e continua me ensinando o valor de uma amizade, de uma verdadeira irmandade sincera e profunda, que brota diretamente do mais íntimo do coração. Pela sua alegria e vida feliz, fez brotar em mim o desejo de mergulhar, aprofundar no tema da felicidade, e na busca verdadeira de uma vida completamente feliz, que só se realiza completamente com a presença de Deus. Obrigado pela confiança e encorajamento, o laço de amizade permanecerá, pois estamos unidos pelo amor de Cristo Jesus, e pelo poder da oração.

*A busca de Deus, é a busca da Felicidade,
busca da Alegria. O encontro com Deus,
é a própria Felicidade, a própria Alegria.*

Santo Agostinho – Felicidade

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo, mostrar os vários caminhos que podemos usar para encontrar a felicidade. Por meio das grandiosas obras de Santo Agostinho, autor que vamos estudar, adentramos em seu pensamento, e somos direcionados a encontrar a vida feliz. Este grande santo, nos diz, que, somente aquele que já fez a experiência do encontro com a verdade suprema, com Deus, é verdadeiramente feliz. O foco deste trabalho, é mostrar um melhor aprofundamento desta busca, e como realmente chegar, almejar essa verdadeira felicidade. Cada trecho desse trabalho, terá como finalidade, explicar como podemos ser felizes, mostrando as possibilidades, os caminhos e os desafios, para tão grande procura. Também, utilizaremos os escritos do filósofo e sociólogo, Zygmunt Bauman, falando sobre a modernidade líquida, e nos mostrando como é desafiante encontrar e/ou lidar com a felicidade no mundo pós modernos, apresentando, caminhos, desafios e conquistas.

Palavras-chave: Santo Agostinho. Felicidade. Vida Feliz. Busca. Zygmunt Bauman. Modernidade.

ABSTRACT

This monograph aims to show the various paths we can take to find happiness. Through the great works of St. Augustine, the author we are about to study, we've dived into his thoughts and guidance to find a blissful life. This great saint tells us that only he who has had the experience of meeting the supreme truth, with God, is truly blissful. The focus of this essay is to present a better deepening of this search, and how to really reach and aspire this true bliss. Each content of this monograph has purpose of explaining how we can be blissful, showing the possibilities, paths and challenges for such a great search. Furthermore, we are using the writings of the philosopher and sociologist, Zygmunt Bauman, arguing about liquid modernity, and showing us how it is challenging to find and/or deal with bliss in the postmodern world, presenting paths, challenges and achievements.

Keywords: Saint Augustine. Happiness. Happy Life. Search. Zygmunt Bauman. Modernity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
I. A BUSCA DA FELICIDADE	13
1.1 O que é Felicidade?	14
1.2. Os desafios em reconhecer a Verdade única e suprema	19
1.3. A Felicidade está na alegria?	26
II. BEATA VITA.....	29
2.1. Como chegar à Beatitude?	30
2.2. Como definir à Felicidade?	35
2.3. A Felicidade em Deus.	39
III.A FELICIDADE COMO PLENITUDE ESPIRITUAL	44
3.1. O que hoje é buscar a Felicidade?	46
3.2. Dentro da ética de Santo Agostinho, como chegar à plenitude espiritual na pós modernidade?	50
3.3. Quais as possibilidades, os caminhos e os desafios possíveis para chegar na plenitude espiritual?	53
CONCLUSÃO	59
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	64

INTRODUÇÃO

Agostinho pode ser considerado um dos santos dos novos tempos, viveu e passou por inúmeras situações em que sua vida foi colocada a prova. Uma vida que repercute até hoje por envolver temas e direções, caminhos que precisam de atenção e cuidado.

Sua vida é um caso especial de conversão ao cristianismo. Ele surpreendeu a todos pela sua determinação e coragem, passando por tantas dificuldades no caminho, mas superou e enfrentou. Passaram-se anos e percebemos, que, as dificuldades que Agostinho enfrentou não estão muito distantes das nossas. Não se prendendo apenas em suas dificuldades, mas, também em suas vitórias e alegrias.

Em sua história, porém, o encontro com Cristo, aconteceu após uma busca sincera e perseverante pela verdade, que durou mais de 14 anos. Agostinho em seu percurso fiel de conversão, tinha sempre a certeza de que, algo novo iria acontecer, pois quem é determinado, busca e depois de muita luta, encontra. Após toda sua conversão, tem sua vida totalmente transformada, e nos deixa muito a ser seguido, muitos textos preciosos. Sabemos que, o que pouco se percebe na história, precisa ser resgatado para que não se perca no tempo, e assim fazemos até hoje.

Temos a plena consciência de que, a alegria do senhor sempre será a nossa força e o nosso refúgio. Aquele que põe sua esperança no Senhor, não se decepciona, e desta forma foi feito com Santo Agostinho. Conhecer a Deus de longe, somente ouvindo falar através da boca das pessoas, isso é muito vazio. Agora, conhecer a Deus, se permitindo encontrar por Ele, com Ele e n`Ele, o caminho muda totalmente a direção. Vemos a vida de Santo Agostinho por exemplo, de uma vida totalmente perdida e desregrada, um caminho escuro do medo, para uma vida de conversão e de entrega total ao Senhor, para um caminho de salvação.

Todo aquele, que ama e respeita a Deus, esse é feliz. Mesmo que cedo ou tarde, esse é feliz, pois não nega a existência da felicidade primeira. Analisamos a vida passada de Agostinho, foi se mergulhando no pecado e nas coisas erradas, pois não se permitiu um encontro verdadeiro com a felicidade. Mas após alguns estudos e

leituras, e toda a persistência de sua mãe Monica (figura que representa a presença da igreja), ele achou o caminho da verdade e da salvação. Nunca é tarde demais, para aqueles que tem sua confiança e esperança entregue nas mãos daquele que tudo pode. Por tanto, ter uma vida feliz, é se entregar ao Senhor bom Deus, mesmo que as vezes não o mereçamos, por vezes com nossas limitações e problemas, mas como Pai, sempre está dentro de nós, isso é o nosso consolo, assim como foi para Agostinho.

A felicidade implica em vários fatores que nos leva a uma reflexão profunda e necessária. Muitas vezes a felicidade exige renúncia de coisas que por vezes achamos ser necessário na vida, mas que não passa de acúmulo e exageros. Não somos felizes por possuir tudo o que desejamos, os bens matérias passam e as vezes não nos servem de nada. O nosso anseio precisa ser como de Agostinho, e possuir a Beatitude, a felicidade plena e eterna, isso sim é difícil. Vale a pena renunciar tudo para alcançar a Beatitude? Essa pergunta é desafiadora, principalmente em dias turbulentos como esses que enfrentamos agora na pós modernidade. Felicidade hoje, implica em ter aquilo que não precisamos, e deixamos de lado aquele que não só, precisamos como necessitamos, aqui e na plenitude eterna.

Santo Agostinho aponta que diante de Deus, está sempre a descoberto o abismo da consciência humana. Somos profundamente conhecidos por Deus. Em sua confissão, não somente feitas com palavras e gritos vazios, mas expressa-se com suas sábias palavras e gritos que saem de sua alma. É preciso atenção no assunto a ser trabalhado para que desse tema, possa brotar no coração do homem moderno, o desejo do desapego daquilo que não o leva a nada, e acolha a felicidade terrena e plena.

Retórico e gramático, poeta e orador, Santo Agostinho abrange o uso de todos os seus recursos, mostrando-nos a situação de sua época. Esse trabalho irá simplificá-lo sem tirar de seu original, de melhor maneira e ressaltar, dar uma ajuda aos leitores de hoje.

No primeiro capítulo, falaremos sobre a busca da felicidade. A busca pela felicidade precisa ser constante, caso contrário não temos o ânimo necessário para continuar o nosso percurso nesse mundo. A Felicidade verdadeira é única, e se faz presente hoje e sempre, porém, somos convidados a um verdadeiro

amadurecimento diário. É necessário vivermos para compreender o valor da busca pela felicidade verdadeira. Santo Agostinho nos mostra que, a felicidade primeira só se realiza a partir do momento em que o homem faz seu primeiro e decisivo encontro com a verdade suprema, com Deus, única e principal razão do existir humano. Longe do encontro com Deus, somos como um barco em meio a um mar agitado, sem aquele que nos guia, que comanda aquele barco. Estudar e se aprofundar mais neste tema, leva-nos a um maior enriquecimento mental, diante daquilo que desejamos estudar em Santo Agostinho. Perante esta investigação sobre a busca de felicidade, vamos contribuindo com a filosofia, pelo simples fato que, geramos questionamentos precisos e necessários, de como alcançar uma vida verdadeiramente feliz.

No segundo capítulo, iremos nos aprofundar mais na obra: *Beata Vita* (vida feliz). Santo Agostinho nesse livro, tem um grande empenho, para falar sobre a felicidade, sempre com base no conhecimento da verdade e na interioridade da alma. De início já podemos afirmar que, é por meio da busca de Deus, que podemos alcançar a vida feliz. É somente quando nos voltamos e nos doamos inteiramente para Deus, que conseguimos atingir a verdadeira e plena felicidade, e a integridade completa do seu ser. Santo Agostinho afirmou com muita clareza que, somente quem possui a Deus se torna feliz

No terceiro capítulo, falaremos sobre a felicidade como plenitude espiritual. A questão sobre atingir a vida ideal e a satisfação dos desejos e necessidades é primordial para o ser humano se sentir realizado na vida. Independente da época e do contexto em que estivermos vivendo, a felicidade continuará sendo meta e foco de muitas pessoas. Incansavelmente vamos caminhando e buscando a verdadeira e importante felicidade, aquela que sacia o homem e o complete inteiramente. Para esse último capítulo da monografia, trabalharemos o filósofo e sociólogo: Zygmunt Bauman, que tem como base os estudos sobre a sociedade líquida, e um trabalho de consulta sobre a felicidade no período denominado por esse autor de pós modernidade. Ainda, trabalhos em diversos caminhos, estabelecendo relações, de como podemos buscar a felicidade, nos dias de hoje e as dificuldades da natureza humana, de como buscam a felicidade.

Dessa forma, buscando compreender o mistério que há na busca da felicidade, conheceremos melhor a vida de Agostinho, a nossa vida também, e a vida do próprio Deus que é o grande autor e guia de tudo isso. Diante desse desafio, vamos deixar

de forma simples o que há de mais belo no que escrito com lágrimas e sangue, o que em seus livros não são um mero relato biográfico que se possa ler por uma simples curiosidade. Tendo em vista, o que pode ser uma resposta para as dúvidas atuais. Levando a uma profunda meditação, reflexão e oração.

CAPÍTULO I: A BUSCA DE FELICIDADE

A busca pela felicidade precisa ser constante, caso contrário não temos o ânimo necessário para continuar o nosso percurso nesse mundo. A Felicidade verdadeira é única, e se faz presente hoje e sempre, porém, somos convidados a um verdadeiro amadurecimento diário. No livro X de *Confissões*, ele questiona: “[...] como devo procurar-te, senhor? Quanto te procuro, ó meu Deus, procuro a felicidade da vida. Procurar-te-ei para que minha alma viva. O meu corpo, com efeito, vive da alma, e a alma vive de ti¹.”

É necessário vivermos para compreender o valor da busca pela felicidade verdadeira. Santo Agostinho nos mostra que, a felicidade primeira só se realiza a partir do momento em que o homem faz seu primeiro e decisivo encontro com a verdade suprema, com Deus, única e principal razão do existir humano. Longe do encontro com Deus, somos como um barco em meio a um mar agitado, sem aquele que nos guia, que comanda aquele barco.

Estudar e se aprofundar mais neste tema, leva-nos a um maior enriquecimento mental, diante daquilo que desejamos estudar em Santo Agostinho. Perante está investigação sobre a busca de felicidade, vamos contribuindo com a filosofia, pelo simples fato que, geramos questionamentos precisos e necessários, de como alcançar uma vida verdadeiramente feliz.

O foco do próprio pensador é um ponto que por nós deve ser observado. A vida feliz², é tudo o que o homem mais aspira, tendo a necessidade da Graça Divina no caminho da verdade. Agostinho afirmou que, a maior felicidade do homem, é buscar perfeitamente a verdade, mas para buscar essa verdade, é necessário um grande esforço da parte daquele que almeja tal dádiva.

¹AGOSTINHO, *confissões*, I. X, Paulus, São Paulo – 1997, p. 292.

²A Vida Feliz: Só pode ser alcançada se existe uma busca a Deus;

[...] Enfim, todo o que se afasta de Deus, por seus vícios e pecados, não somente não é feliz, mas sequer goza da benevolência de Deus. [...] A vida feliz consiste em nos alegrarmos em Vós, de Vós e por Vós. Eis a vida feliz, e não há outra. Os que julgam que existe outra apegam-se a uma alegria que não é verdadeira. Contudo, a sua vontade jamais se afastará de alguma imagem de alegria. A vida feliz está associada a Deus, donde Deus é o outro; e totalmente diverso de todo outro, nem igual, nem comparável, nem longe, nem visível. Todo outro é o olhar de Deus. (DANTAS, L.G. *A autobiografia agostiniana na obra A vida feliz*. 2008. (Pesquisa em Filosofia) – Universidade de Fortaleza, 2008. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a15/dancava01.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2021).

Esse anseio, toda essa investigação e estudo, surge como uma possível forma de mostrar, o quão belo é esse encontro sublime do homem com Deus, e como permanecer verdadeiramente n`Ele, o caminho e felicidade suprema.

1.1. O que é Felicidade?

Falar sobre a felicidade, é se colocar disponível e bem consigo mesmo. Felicidade brota de dentro do coração, e sabemos que, é de dentro do coração do homem que saem as boas obras, ensinamentos, e também, por meio do coração que o homem tem a possibilidade da vida. A felicidade é simplicidade, saber se contentar com o pouco, com o nada que as vezes se torna tudo. Ela é momentânea e passageira, porém nos permite diariamente senti-la, experimenta-la, vive-la. A felicidade na nossa vida, vem daquilo que é essencial, essa essencialidade as vezes é: o cultivo da amizade, a lealdade, desempenhar a fraternidade, e também se aprofundar na religiosidade, ou na vida espiritual. Todas essas realizações contribuem para o sujeito ser inundado por uma alegria imensa, naquele determinado momento, por conta das realizações.

A felicidade exige tempo, ela é o nosso presente, o aqui e agora. Somos chamados a fazer algo bem feito, é sempre necessário se entregar e desempenhar aquilo que acontece, no seu tempo, e no seu lugar, da melhor forma possível, basta paciência e atenção. Sempre existe algo que necessita de mudança. Viver na mesmice das coisas não funciona na maior parte das vezes, e sabemos que a felicidade depende das nossas escolhas, nossas virtudes pessoais, nossas opiniões.

Santo Agostinho, sempre esteve disponível, queria encontrar aquilo que sabia que ainda não tinha, aquilo que iria completa-lo. Sua persistência, vontade e coragem, falaram mais alto, e ele conseguiu encontrar o outro pedaço de seu coração, porque o coração do homem só se torna completo a partir do momento que encontra aquilo que o deixe feliz e em paz. Sabemos que a felicidade ainda, implica um certo autoconhecimento, uma maior pertença de si mesmo, saber o que deseja, conhecer os próprios desejos e vontades.

A vida feliz não se vê com os olhos, porque não é corporal. Então nos lembramos dela como quem se lembra dos números? Também não, pois, quem os conhece não procura possuí-los, ao passo que a noção de felicidade leva, não só a amá-la, mas a querer possuí-la para ser feliz³.

A felicidade não é algo palpável que conseguimos tocar, ou visível que seja possível de enxergar, mas ela existe. Possuir a felicidade exige conhecê-la, saber como e porque sentimos tal desejo, tal sentimento. Nosso anseio por possuí-la, nos leva a quer entender melhor o porquê ser feliz? Buscar a felicidade, parece ser algo fácil, mas pelo contrário, é muito exigente, é difícil. Não estamos falando aqui da felicidade como sentimento, mas como a verdade, a razão primeira, o princípio único do homem.

Agostinho de Hipona, antes de seu processo de amadurecimento na fé, sua conversão e mudança radical de vida, tinha em mente uma felicidade vazia e sem ação, pois estava em busca daquilo que ainda iria se completar. O homem só se torna feliz a partir do momento que encontra algo que o complete, seja isso de diferentes jeitos e maneiras.

Buscar aquilo que não sabemos direito o que é, de fato é algo extremamente difícil e misterioso. Para irmos realmente ao encontro com a felicidade, para que possamos possuí-la, é necessário se colocar na presença da Verdade, e isso foi o que Agostinho fez. Para conquistarmos algo, antes, é necessário um esforço de busca, uma persistência de procura, e uma realização de encontro.

Onde e quando experimentei a felicidade para poder recordá-la, amá-la e desejar-la? Eu não sou o único, nem são poucos os que desejam ser felizes; mas todos sem exceção o querem. Se não conhecêssemos com precisão essa felicidade, não a desejaríamos com vontade tão firme⁴.

Como podemos perceber, todos são chamados a experimentar e ter uma vida feliz. A felicidade é vida, buscar a verdade é a meta de todo ser humano, pois somos chamados para a busca, portanto quem busca encontra, chamados para anunciar com coragem e inteligência, assim como foi feito por Agostinho. Ter uma vida de amargura,

³ AGOSTINHO, *confissões*, I. X, Paulus, São Paulo – 1997, p. 294.

⁴ *Ibid.* p. 294.

ser infeliz, acarreta uma grande desmotivação em qualquer pessoa, e até mesmo problemas de saúde, seja mental ou físico.

Todo ser humano é chamado a traçar, a experimentar fazer um caminho durante sua vida, desde o nascimento, ponto zero, até o último dia de vida, ponto final. Chamamos isso de projeto de vida, cada homem e cada mulher é livre, tem livre-arbítrio, portanto é livre para fazer suas escolhas, e desta forma, se torna livre para acolher, conhecer e praticar a felicidade. Fazer a experiência da felicidade, é fazer uma profunda experiência de doação, assim como foi feito por Agostinho. Somos pessoas de desejo, mas centrados naquilo que podemos ou não realizar.

A felicidade está presente naquele que deseja sim, mas que saiba desejar, senão será sempre alguém infeliz e sem luz, jamais conseguirá encontrar a verdadeira felicidade, pois está preso à soberba das coisas do mundo por pensar que se possuir tal coisa conquistará a felicidade. Pensamos que as vezes, nossa vida e nossa história só podem ser marcadas, por coisas matérias que fizemos ou ganhamos, mas tudo isso é chamado de felicidade momentânea e passageira. Sim, existem vários tipos de felicidades, mas um único centro e um único caminho.

Para o encontro da felicidade, é necessário se colocar na presença da verdade e é isso que Agostinho procurava fazer para encontrá-la. É necessário capricharmos no caminho que devemos traçar, conforme está mencionado na vida feliz:

É necessário que se procure um bem permanente, livre das variações da sorte e das vicissitudes da vida. Ora, não podemos adquirir nossa vontade, tampouco conversar para sempre, aquilo que é perecível e passageiro ⁵.

Dessa forma, para Santo Agostinho, para fazermos um encontro com a verdade⁶, é necessário o desejo de encontrá-la primeiramente, mantendo-nos longe

⁵ AGOSTINHO, *vida feliz*, cap. II, Paulus, São Paulo – 1998, p. 129.

⁶ Conceito de Verdade: O conceito agostiniano de verdade – objeto da busca existencial de Agostinho, a fonte dos padrões de julgamento de que nossas mentes dependem e que se identifica com Deus – é desenvolvido conjuntamente com a questão do conhecimento e da vida feliz: “a vida feliz é alegria nascida da verdade; pois é alegria nascida de ti, que és a verdade, ó Deus. Minha luz, a salvação de minha face, meu Deus” (conf. 10,33). “Que é a sabedoria senão a verdade na qual o bem supremo é conhecido e possuído?” (lib. Ard. 2,26).

A verdade é explorada ainda ao longo do sol. E do imm, an. Definições são oferecidas e examinadas (cf. sol. 2,8: a verdade é “aquilo que é” [id quod est]); a distinção entre “a verdade” e o “verdadeiro” – uma distinção feita no estoicismo – é discutida (sol. 1,27; “o que é verdadeiro [verum] o que é por causa

de superstições e de interrogações, sendo necessário um objeto de encontro para a felicidade, que de modo certo se tenha desejo de ser encontrado, não somente por nossa vontade, fazendo da Verdade como se fosse um brinquedo que uma hora queremos e outra hora não mais. O bem é totalmente diferente das coisas do mundo, que são perecíveis e passageiras, que não nos preenchem e não nos conduzem para a verdadeira felicidade. As pessoas estão perdendo a vontade de fazer o encontro com a verdade, e por isso se satisfazendo com o pouco e com aquilo que é vazio. Ser feliz não significa se contentar com aquilo que ganha, mas se alegrar com aquilo que não ganha, até mesmo com aquilo que perde. A sociedade atual, é uma sociedade consumista, o desejo aumenta cada vez mais a necessidade de ter tudo, mesmo quando aquilo não é necessário. Tudo o que temos é algo passageiro, inclusive o próprio ser humano. Muitas vezes damos nossa própria vida para ter algo, que no momento nos satisfaz e depois passa. Toda essa situação precisa de um certo caminho de purificação, para de fato fazermos nosso encontro com a verdade.

Tendo em vista a limitada sabedoria humana, o caminho a ser traçado entorno dessa fragilidade está justamente no fato de Agostinho fazer memória de sua história, tendo como foco a sua recordação, na qual não o conduzia a caminhos seguros e, conseqüentemente, foi o que conduziu a novos caminhos e ao encontro com a felicidade.

Grande é o poder da memória, Senhor; tem algo de terrível, uma infinita e profunda complexidade. Mas isto é o espírito, isto sou eu próprio. Que sou eu, então, ó meu Deus? Qual a minha natureza? Uma vida variada e multiforme, imensamente ampla. Eis-me nos campos, nas cavernas e nos inumeráveis recessos da minha memória, repletos de todo gênero de objetos, presentes ou em imagens — como no caso dos corpos — ou em si mesmas, quando se trata das ciências, ou ainda através de não sei que noções e sinais, como acontece com os sentimentos da alma (a memória os conserva mesmo quando o espírito não mais os experimenta, embora tudo o que está na memória se encontre no espírito). Percorro todas essas paragens, voando por aqui e por ali, e penetro o mais longe que posso, sem encontrar limites, tão grande é a força da memória, tão grande a força da vida do homem, que, no entanto, é mortal! Que devo fazer, meu Deus, ó minha vida verdadeira? Irei além dessa faculdade que se chama memória, para chegar a ti ⁷.

da verdade [veritate]”; cf. vera rel. 66: a verdade é “aquilo que mostra o que é”). (FITZGERALD, Allan. Agostinho *através dos tempos*. São Paulo, Paulus, 2018, p. 954).

⁷ AGOSTINHO, *confissões*, I. X, Paulus, São Paulo – 1997, p. 289.

O desejo de encontrar a felicidade faz com que, Agostinho vá muito além de seus limites, a ponto de ele questionar toda sua natureza humana que estava presa ao passado terrível que teve, mas tendo um ardente desejo de ir de encontro com o presente, ou seja, fazer do que era, tornar-se um novo ser. A busca da Verdade é esse caminho que está focado na conversão sincera, indo de encontro com o amor maior que está muito próximo. O amor que não faz distinção, e sim que está disposto a ser encontrado, e principalmente deseja ser conhecido e conquistado.

Sabemos de nossas limitações, somos meros seres mortais, quase incapacitados de nada diante da grandeza d'Aquele que tudo sabe e tudo pode. Antes de seu encontro com a Verdade, Agostinho se perguntava muito quem ele realmente era? E como encontrar aquele que é o verdadeiro encontro de vida e sabedoria? Para fazer nossas atividades, precisamos de metas e de limites, pois caso contrário, tudo se perde nos ares e nada fica concreto. Ao enxergar nossos limites, enxergamos a Verdade, através de sua grandeza, sem limites, ou qualquer tipo de coisa que possa ser imitado para qualquer pessoa humana.

1.2 Os desafios em reconhecer a Verdade única e suprema.

Agostinho de Hipona, sempre com o seu desejo de transformação de vida, de imediato reconhece seus limites, suas fragilidades que sempre o colocava em questionamento sobre a verdadeira felicidade. Analisava como seria esse caminho, sendo que o fato de se reconhecer portador de erros, sempre o conduzia em pensamento, a uma restauração, mesmo nas lágrimas de sua mãe Monica, “[...] enquanto minha mãe, tua fiel serva, chorava por mim, mais do que as mães choram pela morte física dos filhos. [...] e não lhe desprezaste as lágrimas.” (AGOSTINHO, 1997, 82). também ele, diante de seu passado o colocava numa situação de fracasso e desilusões.

Pensar em tudo aquilo que já comentemos no passado, só nos permite ficar preso em algo de muito ruim que o ser humano já fez. Para Agostinho, recordar o passado sempre acarretava para ele muito sofrimento, e lágrimas de arrependimento e de desespero. Para uma sincera busca da Verdade, Agostinho teve que fazer muitas renúncias, para de fato buscar a verdadeira felicidade tendo como consequência, os seus vícios que estavam o levando a morte.

Existiam no caminho, muitas dificuldades para que Agostinho de Hipona pudesse reconhecer a essência de Deus, pois o fato de ter que buscar alguém sem a possibilidade de ver, era um tanto quanto dificultoso e desafiante, pois ele só acreditava no que seus olhos viam e não conseguia imaginar um Deus em forma de humano. Mas para a alegria de todos, ele já começava a demonstrar sinais de escuta diante da sabedoria como mediadora dessa busca que vem a ser um início da sua plena restauração de vida. Agostinho, ao começar a dar indícios do desejo de Deus, tem a necessidade de questionar sua vida passada, seu presente e seu futuro, assim como podemos ver em seu livro confissões:

Quem me fará descansar em ti? Quem fará com que venhas ao meu coração e o inebries a ponto de eu esquecer os meus males, e me abraçar a ti, meu único bem? Que és para mim? Tem misericórdia, para que eu fale. Que sou eu aos teus olhos, para que me ordenes amar-te e, se eu não o fizer, te indignares e me ameçares com imensas desventuras? Como se o não te amar já fosse desgraça pequena! Dize-me, por compaixão, Senhor meu Deus, o que és tu para mim? “Dize à minha alma: Eu sou a tua salvação”. Dize de forma que eu te escute. Os ouvidos do meu coração estão diante de ti, Senhor; abre-os e “dize

à minha alma: Eu sou a tua salvação”. Corri atrás destas palavras e te segurarei. Não escondas de mim a tua face: que eu morra para contemplá-la e para não morrer! ⁸.

Para uma pessoa que está passando por um radical processo de conversão, é normal fazer vários questionamentos, e até mesmo perguntar inúmeras vezes quem é Deus? E como Ele age em nossas vidas com seu poder sobrenatural. Agostinho abre muitos questionamentos desde do início de sua vida, de sua caminhada, de seus afazeres. Ao ter seus primeiros contatos com a razão única, Verdade suprema, Agostinho se vez totalmente incapaz de ser qualquer coisa, ou de fazer qualquer coisa longe de Deus. Como podemos analisar nesse salmo das sagradas escrituras: “É feliz quem a Deus se confia⁹” (*Salmo 1*). Agostinho de Hipona tem plena confiança que sua escolha de mudança, acarretaria em grandes desafios, mas muitas evoluções e sucessões em sua vida, afinal, estava escolhendo ficar próximo D’aquele que tudo sabe e que tudo pode.

Confiar em alguém, remete muitas renúncias e uma grande coragem, principalmente se não conhecemos bem quem realmente é. Acreditar em alguém, exige uma grande capacidade de escuta, de paciência, de transformação. A vida humana passa por fases diversas, por altos e baixos, por perdas e conquistas, e somente quando vestimos a camisa da transformação, é chamado a uma grande revelação de vida justa e concreta. Agostinho passa a se tornar bem mais próximo da Verdade plena, começam a ter pensamentos que culminam no mesmo ideal.

Agora, uma vez que o momento presente nos dá a oportunidade, aceita, enquanto eu ensino, alguma coisa a respeito de Deus com base na analogia das coisas sensíveis. Deus é inteligível e também inteligíveis são as proposições das ciências, porém, diferem em muito. Pois a terra é visível, como também o é a luz; mas a terra não pode ser vista se não for iluminada pela luz. Por isso, as coisas que alguém entende, que são ensinadas nas ciências, sem dúvida alguma ele as admite como verdadeiras, mas deve-se crer que elas não podem ser entendidas se não forem esclarecidas por outro, como que por um sol. Como no sol podem-se notar três coisas: que existe, que brilha e que ilumina, assim também no secretíssimo Deus, a quem tu desejas compreender, devem-se considerar três coisas: que existe, que é conhecido e que faz com que as demais coisas sejam entendidas. Ouso ensinar-te duas coisas, isto é, conhece-te a ti mesmo e a Deus.

⁸ AGOSTINHO, *confissões*, I. I, Paulus, São Paulo – 1997, p. 22.

⁹ BÍBLIA, *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo – 2002, p. 864.

Mas responde: como classificas as afirmações acima, como prováveis ou como verdadeiras? ¹⁰.

Certamente se torna difícil de entender e de compreender tudo o que está acontecendo na vida de Agostinho. No seu diálogo com a razão, começa a ser citado dois elementos bem polêmicos e difíceis de serem discutidos: Deus, e a ciência. Em momentos como esse, é necessário colocar em prática, tudo aquilo que existe de conhecimento e total ensinamento. Divergir de posicionamentos contrários é natural, e extremamente saudável, mas sempre é necessário o respeito de posição. A ciência tem suas evoluções, e suas inúmeras explicações, mas quem pode explicar Deus? Quem pode explicar como encontramos nosso anseio e nosso desejo sincero de felicidade constante para se tornar plena? Quem explica o básico, o fundamento da existência de Deus? A razão nos diz, que é necessário conhecermos a nós mesmos, e a Deus sobre tudo.

Agostinho nesse início de transformação, é chamado a investigar três elementos: A existência¹¹, o conhecimento¹², e o entendimento¹³. É natural colocar o ser humano a prova, ainda mais quando descobrimos seu ponto fraco, e para Agostinho não foi diferente, nesse primeiro momento, diversos questionamentos e muitas provas surgiram e sua mente, em seu caminho. Críticas se tornam elogios, os problemas se tornam motivações, para estudar esses elementos, é necessária uma abertura de mente, uma exclusão da negação constante que nos persegue, e abrir novos caminhos positivos da escuta e do conhecimento. Uma pessoa que demonstra

¹⁰ AGOSTINHO, *solilóquios*, I. I, Paulus, São Paulo – 1998, p. 34.

¹¹ Conceito de Existência: A existência enquanto *Existenz* é, por conseguinte, completamente distinta da existência enquanto *existentia*. Como se aspira a não confundir a existência no sentido da *Existenz* com a existência nos sentidos “clássicos”, a tradução pela filosofia da existência. (MOURA, Ferrater, J. *Dicionário de filosofia*. T. II. Tradução Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2000, p. 962).

¹² Conceito de Conhecimento: O problema – e os problemas – do conhecimento foram abordados por quase todos os filósofos, mas a importância que a teoria do conhecimento assumiu como disciplina filosófica, especial é um assunto relativamente recente. Conhecer, se deter a algo, ir mais além do que realmente. (MOURA, Ferrater, J. *Dicionário de filosofia*. T. I. Tradução Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2000, p. 538).

¹³ Conceito de Entendimento: No vocabulário, trataremos de vários sentidos da potência intelectual na filosofia moderna. Desse modo, utilizamos entendimento como correspondente a termos tais como *entendement*. É comum entre os filósofos, empregar entendimento, para designar a inteira faculdade intelectual. (MOURA, Ferrater, J. *Dicionário de filosofia*. T. II. Tradução Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2000, p. 841).

diversas faces, diversos jeitos, certamente está longe da Verdade, portanto, longe de alcançar a Felicidade.

Quem busca o caminho da Verdade, encontra a Felicidade, e logo, a plena consciência de tudo o que precisa. Assim foi feito de maneira constante com Agostinho, pois, a partir do momento que ele escolhe mudar, confiou todo seu caminho, seu percurso, sua trajetória, seus afazeres, sua vida, aos cuidados de Deus, sempre se cobrando do atraso de tão grande e magnífico encontro, e que poderia ter conhecido a Verdade plena bem antes, mas com os questionamentos que quem é Deus? E de quão grande são seus feitos e suas maravilhas realizadas, em sua vida, mesmo sem o seu próprio merecimento.

Tendo ainda dificuldade para reconhecer a presença da Verdade, Agostinho por meio do saber, acredita estar começando ir ao encontro da felicidade e esse caminho é feito por meio do saber filosófico, mas tendo busca um foco voltado para o conhecimento por meio da sabedoria. Levando em consideração a ação dessa procura, ele toma como foco a ação da presença de Deus conforme relata nesse trecho da vida feliz:

Se fosse possível atingir o porto da Filosofia — único ponto de acesso à região e à terra firme da vida feliz —, numa caminhada exclusivamente dirigida pela razão e conduzida pela vontade, talvez não fosse temerário afirmar, ó magnânimo e ilustre Teodoro, que o número dos homens a lá chegar seria ainda mais diminuto do que aqueles que atualmente aportam a esse porto, já tão raros e escassos se apresentam eles ¹⁴.

Agostinho tinha como principal pensamento, que por meio do saber encontraria Deus, mas o que ele não contava é que esta certeza era a grande geradora de dúvidas. Partindo daí, ele começa avaliar que a presença de Deus não está na razão, pois a razão é imitada e Deus não é um ser limitado, pois isso faz dele alguém que não tem muita certeza das decisões.

Tendo de certa forma a filosofia como um porto seguro, Agostinho acreditava que seria esse o caminho. Mas seria possível seguir um caminho que é limitado sendo Deus o portado de todo esse caminho? Sendo ele mensageiro desse saber, não iria restringir somente a um grupo de pessoas, pois Agostinho não fala em um Deus de

¹⁴ AGOSTINHO, *a vida feliz*, cap. II, Paulus, São Paulo – 1998, p. 117.

pequenas coisas e de longe alcance, mas em um Deus que é para todos sem medidas. De fato, Agostinho tendo em mente que Deus seria o portador de todo o saber, coloca a filosofia como um porto seguro da sabedoria, e com isso jamais teve a intenção de construir uma sabedoria cristã.

Agostinho, reflete sobre o tema da felicidade como um verdadeiro elogio à grande filosofia. Ele vai procurar na filosofia, uma possibilidade de achar um sentido para a felicidade, e desta forma, acaba por encontrar. Sabemos que, a sabedoria, a verdadeira felicidade, é uma grande procura em buscar viver a plenitude do espírito. Um verdadeiro sábio, é aquele que consegue e sabe buscar a Deus. Somos chamados a ser felizes, a partir do momento que procuramos um bem plenamente, algo que não podem nos tirar. Quem possui a Deus, verdade primeira, e felicidade plena, é totalmente feliz.

A construção de tal saber estava fundada em uma mentalidade da razão, ou seja, a busca da felicidade está na ação do homem, em prover o seu sentido de felicidade. A capacidade de pensar já é um caminho para essa conquista, mas para ele, esse caminho não o completava ainda, da maneira que gostaria e, com isso, estando ele distante da verdadeira felicidade, estava numa dúvida sobre toda essa sabedoria.

Ainda em mente que essa razão de certa forma, não seria o caminho para o verdadeiro encontro com Deus, Agostinho de Hipona retorna a sua busca, e incansavelmente permanece, não desistindo de ir ao seu encontro, e ele sempre continuava lutando contra os males para ir até esse encontro com a verdade, renunciando a cada instante as tentações, problemas, aos erros que influenciaram a sua vida durante tantos anos, e que o mantinha na chamada cegueira espiritual, tentando buscar a Deus na mais diversas situações. Diante de sua dúvida, mas com o desejo de descobrir a verdade, Agostinho traça um caminho para essa sua ansiedade. Diante de tantas colocações sobre a essência de Deus, fica cada vez mais em dúvida, pois todas as explicações não o satisfaziam a ponto de leva-lo a questionar sobre a verdadeira existência e com isso o deixou a ser alguém em busca de algo em vão.

Meu espírito protestava veementemente contra todos os meus velhos fantasmas, e eu fazia força para afastar, de um só golpe, para longe do olhar da minha mente, o enxame de imagens indignas que

esvoaçavam em torno de mim [...]. Assim, com a mente perturbada, não conseguindo ver claro nem sequer a mim mesmo ¹⁵.

Estando Agostinho nesta luta, ao acreditar que Deus estava presente na razão, em sua consciência, via todos os fantasmas que o conduzia a relembrar a sua história, levava-o a imagens indignas deixando-o conturbado em relação ao seu passado, principalmente com o fato de se submeter a uma revisão de vida e de suas desobediências, que faziam dele um homem cheio de fragilidades, mas que estava a busca da graça de encontrar com Deus.

Estando na batalha entre o bem e o mal, Agostinho de Hipona tinha como meta o encontro com o bem, mas ao se deparar com suas fraquezas sentia-se num estado de muita solidão, diante da incerteza sobre o encontro com o verdadeiro Deus, mas mesmo diante de suas dúvidas, sempre se mantinha firme no seu propósito fiel, tendo como foco, sua liberdade regrada, de modo salutar e feliz.

Mesmo com o desejo do encontro com Deus, Agostinho continuava a sua dúvida, porque em seu consciente, o vacilo o perseguia, pois sabia que Deus existia, mas não sabia onde encontrá-lo, pois ao ter essa grande experiência do Divino como o mediador de sua vida, fazia dele, alguém portador de uma necessidade e essa necessidade é o encontro da Verdade.

O fato de Agostinho buscar um novo direcionamento, faz dele uma pessoa que está disposta à mudança, tem como referencial, o foco da salvação de sua alma, e principalmente de sua sabedoria, pois estando com a mente perturbada, ele mesmo não se reconhecia e, quanto menos reconhecia o outro que com ele convivia de modo diário, não possuía forças para buscar por meio da sabedoria, um encontro com a Verdade.

Sabemos da dificuldade de uma pessoa, em reconhecer a grandeza de Deus, mas toda essa situação, foi de grande aprendizado para Agostinho. Ter dificuldades para entender sobre a essência de Deus não fez dele uma pessoa solta a cair novamente nos erros, mas muito pelo contrário, isso fez para ele, o desejo de poder buscar ainda mais a verdade, fortalecido nos ensinamentos que ele veio buscando por meio dos ensinamentos da Igreja Católica, a qual ele a considerava como sua

¹⁵ AGOSTINHO, *confissões*, I. VII, Paulus, São Paulo – 1997, p. 173.

mãe espiritual, que conduz as pessoas ao encontro da felicidade verdadeira, por ser ela a portadora da Beatitude¹⁶ e que afastava toda a confusão da mente, assim como as imagens que insistia em utilizar, sobre a sua vida presente em troca do passado.

Agostinho, ao começar a se abrir para escutar a verdadeira sabedoria, tem o desejo de conhecer de modo mais aprofundado a verdade transcendente, essa Verdade que de fato tem como fundamento a busca de sua conversão, de modo salutar e construtor da busca de fé, e felicidade ao Deus único e verdadeiro.

¹⁶ Conceito de Beatitude: O eudemonismo de Agostinho, como o de seus predecessores clássicos, considera a beatitude, como um estado objetivamente desejável de bem-estar, que representa o cumprimento, ou autorrealização, da natureza humana (FITZGERALD, Allan. *Agostinho através dos tempos*. São Paulo, Paulus, 2018, p. 441).

1.3 A Felicidade está na alegria?

Ser feliz não significa estar alegre, e estar alegre não necessariamente leva o ser humano a estar feliz. A felicidade se tornou passageira, e momentânea, podemos estar felizes, mas isso não necessariamente implica estarmos inseridos no sentimento da alegria, pois podemos desfrutá-la em outros sentimentos e momentos, tais como a tristeza, a angústia¹⁷, a dor. Sabemos que tudo existe para desempenhar alguma função, tudo é feito com o seu curso e com sua característica própria, e curiosamente, as coisas vão se combinando. Temos como exemplo disso a pessoa humana, que só conhece a tristeza, pois existe a alegria, e assim vice e versa, dois sentimentos fortes da vida humana, mas cada um com seu curso de existência necessário.

Agostinho, nesse seu processo de transição de vida, nos mostra como devemos refletir sobre a alegria na felicidade, essa felicidade que nos conduz a Deus, acompanhemos em suas confissões:

Tu também, Pai misericordioso, sentes mais alegria “por um só pecador que se converte, do que por noventa e nove justos que não precisam de conversão”. E é grande a nossa alegria cada vez que ouvimos falar sobre a alegria do pastor que reconduz nos ombros a ovelha desgarrada, ou da mulher que, encontrando a dracma perdida, a recoloca nos teus cofres, em meio à alegria da vizinhança. E ainda arranca lágrimas de alegria a festa que se faz em tua casa, quando lemos a narração do teu filho menor que “era morto e tornou a viver, estava perdido e foi reencontrado”¹⁸.

Sim, fazendo suas reflexões, percebemos que Deus também sente alegria ao ver seus filhos alegres e decididos, assim como Agostinho estava. Voltar para os ombros do pastor, esse é o convite que a Verdade suprema nos faz, e de maneira bem considerável, Agostinho vai fazendo isso, e ouvindo esse chamado.

As lágrimas muitas vezes se remetem a alegria de algo bem realizado, ou algo emocionante que leva qualquer pessoa a fazer belas e profundas reflexões sobre

¹⁷ Angústia: Em sua elucidação do conceito de angústia, é, portanto, algo inteiramente distinto do medo e de outros estados anímicos. [...] A angústia é, por certo, um modo de afundar-se num nada, mas ao mesmo tempo a maneira de salvar-se desse mesmo nada que ameaça aniquilar o homem angustiado, isto é, uma maneira de salva-lo do finito e de todos os seus enganos. (MOURA, Ferrater, J. *Dicionário de filosofia*. T. I. Tradução Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2000, p. 138).

¹⁸ AGOSTINHO, *confissões*, I. VIII, Paulus, São Paulo – 1997, p. 210.

algum acontecimento. Temos como grande exemplo, Monica, mãe de Agostinho, que derramou incansáveis lágrimas, porém lágrimas de esperança, já acreditando na mudança de seu filho, e ela tinha um olhar profundo para o futuro. A alegria de toda mãe, é ver seus filhos bem, e diante do choro, Monica nunca desistiu de sonhar com seu filho, mesmo com os problemas que sempre o rodeavam, como portadora de uma grande fé, jamais deixou de rezar por seu filho, e era nela que Agostinho tentava encontrar forças para se levantar. Mesmo distante do Verdadeiro Amor, tentava se levantar do abismo no qual se encontrava, e nas trevas do erro no qual tentava não realizar mais, mas sempre com o desejo de se reerguer, ir para os ombros do pastor bom, de modo sublime e para a salvação de sua alma, tendo como ponto seguro para sua libertação, a Verdade.

O desejo do encontro com a felicidade, faz com que Agostinho vá muito além de seus limites, a ponto de ele questionar toda a sua natureza humana que estava presa ao passado, mas tendo um ardente desejo de ir de encontro com o presente, ou seja, fazer do que era, tornar-se em um novo ser. A busca da Verdade é esse caminho que está focado na conversão sincera, no encontro com a verdadeira alegria, essa que é a mesma felicidade, indo de encontro com o Amor maior que está muito próximo ao ponto dele imaginar. Amor esse que não faz nenhum tipo de distinção, e sim, que está disposto a ser encontrado, e principalmente deseja ser conquistado e conhecido.

Basicamente, não estamos falando da alegria no sentido mais voltado para o sentimento, a pesar de ser muito importante essa reflexão, mas estamos falando da alegria no sentido espiritual, no sentido de ter mais amor e compaixão ao conhecimento. A alegria espiritual nos leva ao desprendimento das coisas materiais, das coisas do mundo terreno, e nos leva a fazer uma ligação com o divino, com a Verdade suprema. Sem o apego dos bens materiais, somente com aquilo que lhe basta, a presença divina e plena se torna realmente algo positivo e concreto. Atravessar o caminho da felicidade, implica em um verdadeiro encontro com a verdade plena, com a alegria sem limites. A felicidade se encontra na alegria, a partir do momento que conseguimos enxergar as coisas com os olhos de Deus, levando o ser humano ao encontro místico com o Deus único e trino.

De fato, recordo-me de ter estado alegre, ainda que não o esteja neste momento, e lembro-me das minhas tristezas passadas, sem estar

agora triste. Recordo-me de ter sentido às vezes medo, sem experimentá-lo agora, e me vem à mente um antigo desejo, sem que o sinta agora. Pelo contrário, acontece-me recordar a tristeza passada num momento de alegria, num momento triste recordar uma alegria. [...] Sendo assim, por que será que, evocando com alegria uma tristeza passada, a alma contém a alegria, e a memória contém a tristeza? A alegria e a tristeza são como alimento, que ora é doce, ora é amargo¹⁹.

O ser humano trabalha com os sentidos e as recordações, voltar no passado, ou em algo marcante para alguém, é extremamente importante, até mesmo por se tratar de alguma lembrança necessária e feliz, tudo isso é se relacionar com a felicidade, nesse caso a felicidade do sentimento.

Percebemos no trecho citado das confissões que, assim como Agostinho, é possível recordar os sentidos, seja o medo, a dor, a tristeza, a alegria, de um determinado momento, mas sem o poder sentir no momento presente da recordação, pois certamente isso é uma lembrança, algo passado. Viver a tristeza como sentimento, em um momento de lembrança, nos remete a algo passado, e algo vivido com sucesso, portanto, vivemos o momento presente com alegria.

Ser feliz, é viver a alegria. Buscar a felicidade, é buscar o sentimento de alegria, assim como Agostinho fez. Procurar é a questão, mas encontrar é a solução, sair em busca da felicidade, é ir buscar aquilo que já temos, porém, algo passageiro. A alegria e a tristeza caminham juntas, ora estamos com uma, ora com a outra. A alegria é uma referência precisa para a felicidade, Agostinho afirma que a vida feliz só se concretiza com a alegria, quando nos alegramos pelo encontro com o próprio Deus, sem oferecer qualquer tipo de diálogo ou debate que diz o contrário disso: “A alegria e a tristeza são como alimento, que ora é doce, ora é amargo”²⁰.

Portanto, levando em consideração, todo esse percurso chegamos à conclusão de que a felicidade se encontra na alegria sim, pois uma necessita da outra para acontecer. A felicidade como sentimento, a alegria como alma desse sentimento compartilhado, sendo a base para os demais sentimentos. A vida tem como fundamento principal, a presença da alegria, seja ela no sentimento emocional ou na ação divina.

¹⁹ AGOSTINHO, *confissões*, I. X, Paulus, São Paulo – 1997, p. 285.

²⁰ AGOSTINHO, *confissões*, I. X, Paulus, São Paulo – 1997, p. 295.

CAPÍTULO II: BEATA VITA

Santo Agostinho nesse livro, tem um grande empenho, para falar sobre a felicidade, sempre com base no conhecimento da verdade e na interioridade da alma. De início já podemos afirmar que, é por meio da busca de Deus, que podemos alcançar a vida feliz. É somente quando nos voltamos e nos doamos inteiramente para Deus, que conseguimos atingir a verdadeira e plena felicidade, e a integridade completa do seu ser. Santo Agostinho afirmou com muita clareza que, somente quem possui a Deus se torna feliz. A grande sabedoria donde nos vem a felicidade, nos proporciona apreciar-se com Deus a verdade sem fim, tudo isso consiste e nos permite, conhecer e amar a Deus totalmente.

Sempre é importante exercitarmos a memória, pois ao fazermos menção a nossa memória, automaticamente nos remetemos ao nosso passado. É por meio da alegria que nossa memória, pelo passado, exprime o desejo de felicidade. Nossa alegria se encontra, a partir do momento que temos um contato plenamente verdadeiro com Deus. A alegria na vida feliz, só pode ser encontrada, contemplada e alcançada na busca de Deus. Sabemos que, é somente voltando a Ele, e nos doando de todo o coração, que podemos atingir a verdadeira felicidade e a totalidade do ser.

Todo o pensamento agostiniano, gira entorno da fé e da razão, principio importante e verdadeiro para se encontrar a felicidade. Uma vida verdadeiramente feliz, só pode ser almejada e encontrada, a partir do momento do contato com a busca de conhecer a Deus.

2.1 Como chegar à Beatitude?

Agostinho, sempre sendo inspirado pelos filósofos antigos, e conseqüentemente pelas obras de Cícero, inicia com muita vontade e coragem, uma busca pela vida verdadeiramente feliz, o que o levou a definir o tema de uma de suas principais obras: *Beata Vita - Vida Feliz*. A obra trata de um diálogo com seus parentes a respeito da felicidade. Ao longo desse diálogo, surgem muitos pensamentos e questões sobre como alcançar a vida feliz, além das considerações construtivas e filosóficas do sábio filósofo.

Agostinho olha a sabedoria como sinônimo de felicidade (beatitude) e desta forma, ligada ao conceito de *Eudaimonia*²¹. A beatitude possui grande importância na filosofia agostiniana e é a partir dela que ele estabelece o verdadeiro fim do ser humano, isto é, a busca para encontrar o sentido de sua vida. Esse conceito ganha nova essência após a conversão de Agostinho, tornando seu principal motivo de fazer filosofia.

A reflexão de Agostinho enaltece dois elementos importantes para a compreensão de sua filosofia e que são fundamentais na formação do ser humano: o corpo e a alma. Para o autor, quando se trata da felicidade plena, os anseios da alma estão acima dos anseios do corpo, pois só algo verdadeiro e pleno saciaria seus anseios. Para que o ser humano seja plenamente feliz, é necessário que ele se volte para a interioridade de sua alma.

O homem compõe-se de um corpo e de uma alma, unidos de tal maneira que a alma é, portanto, superior ao corpo e, de qualquer maneira, se há um soberano bem superior ao homem, este não poderia ser um simples bem do corpo, mas um bem da alma, que é o que há de mais elevado no homem. Ora, a virtude é o que confere à alma sua perfeição e a torna boa. [...] Com efeito, antes de possuir a virtude, a alma carece de sabedoria; se é, portanto, apenas a si mesma que a alma busca na virtude, ela só procura sua própria loucura²².

²¹Eudaimonia: O eudemonismo de Agostinho, como o de seus predecessores clássicos, considera a beatitude, como um estado objetivamente desejável de bem-estar, que representa o cumprimento, ou autorrealização, da natureza humana (FITZGERALD, Allan. *Agostinho através dos tempos*. São Paulo, Paulus, 2018, p. 441).

²² GILSON. *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*. Paulus, São Paulo – 2006, p. 24.

Só será realmente feliz, o ser humano que alcançar aquilo que de certa forma, deixe sua alma completa, e através disso, feliz. Uma alma só se torna totalmente feliz, quando experimenta a verdadeira felicidade, e todos os seus benefícios, aquilo que de fato o sacie e o faça contemplar a verdade imutável, que Agostinho acredita ser Deus, aquele que é a verdadeira e plena felicidade, que não perece e não passa jamais, que sacia a alma do ser humano e o faz de fato, feliz.

Saber olhar para dentro de si, para o mais íntimo desse corpo mortal, e enxergar a alma, é enxergar que Deus, Verdade suprema, não pode ser mudado de jeito nenhum, Ele simplesmente é aquilo que é. Agostinho localiza a presença de Deus, na alma, portanto temos aqui a compreensão do local de encontro com Deus. Entramos na questão agostiniana do: *Credo ut intelligam*, primeiramente é necessário crer, e assim conseqüentemente entender. Não temos como não crer diante da grandeza d'Aquele que tudo pode. Pode até duvidar, sim, isso é possível, mas duvidar daquilo que tem explicação, isso é muito vazio diante daquilo que realmente é, acaba sendo perda de tempo.

Diante do fato de não conhecer a felicidade, faz com que os outros a busquem de modo superficial. A busca da felicidade para muitos, está nos prazeres, pois não conhecem aquele que dá o prazer da verdadeira vida, pois viver feliz, é gozar dos prazeres do corpo, é o que o mundo ensina, enquanto para Agostinho, mesmo estando na luta de ir de encontro da felicidade, ele diz que quem possui a felicidade por si só, possui também os bens da alma. Buscar a felicidade é uma característica de cada pessoa, Agostinho fez a opção de conquistá-la, mas afinal, a liberdade conquistada pelo homem, é que o leva aos caminhos a serem seguidos, e dessa maneira, essa felicidade pode ser constituída de diversas formas. Esse percurso faz com que a busca seja algo superficial, cabe àqueles que a buscam, manter a esperança em conquista-la, nem que seja como forma de expectativas, para assim os outros a conhecerem também.

A beatitude dessa maneira, é um estado da plenitude e de satisfação, que na maioria das vezes é alcançado por algum sábio, ou aqueles que conseguem compreendê-la. Uma serenidade que é trazida à alma pela pura, verdadeira e grande presença divina. Para Agostinho, a alma é a habitação mais íntima de Deus. Uma pessoa humana só se torna feliz, quando está sentada na alma da alma, ou seja,

quando se encontra com Deus, quando se coloca de coração totalmente aberto e inteiro para Deus, um núcleo profundo, Deus verdade e bem supremo.

Ao mesmo tempo em que se liberta da dúvida pela certeza de sua própria existência, o pensamento apreende-se como uma atividade vital de ordem superior, pois pensar é viver. Ora, toda vida tem seu princípio, que é a alma; então, o pensamento é da ordem da alma. [...] Dado que o pensamento se conhece como alma, a primeira questão que ele deve resolver refere-se à natureza da alma. Aparentemente, o lugar dessa ideia na doutrina de Agostinho em nada difere do que ocupa em todas as outras filosofias cristãs. Para ele, tal como para todos os filósofos cristãs, o homem é composto de uma alma e de um corpo, o que significa que, sem um ou sem outro desses dois elementos, ele não seria um homem ²³.

Santo Agostinho, na luta pela sua mudança radical de vida, com força de vontade, mesmo com pensamentos radicais de sua vida conturbada, sempre esteve muito convicto do que havia no seu interior, bem como no interior do ser humano. Somos corpo²⁴, alma e espírito, e através disso, somos chamados a fazer uma reflexão sobre ser, plurais, porém uno. Somos corpo, feito de carne e cheio das fragilidades da vida. Somos alma, com os devidos sentimentos, com um enorme desejo de vida, sentimos emoções. Somos espírito, temos a graça da respiração e através disso a chance de viver, e tudo isso nos leva a interioridade do nosso ser, e sobre o mistério que todos somos, e que nos revela uma nova descoberta a cada dia. O fato é, não podemos nos dividir, mas pelo contrário, precisamos nos unir, em todas as dimensões. Saber compreender o sopro da vida, e sobre o mistério da alma, é nos colocarmos sempre, na procura da vida feliz.

Muitos acham que, para alcançar a Deus, verdadeira felicidade, é necessário ter aquilo para satisfação pessoal, ou aquilo que agrada momentaneamente, mas vemos que isso não acontece desse jeito, assim como Agostinho nos diz:

²³ GILSON. *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*. Paulus, São Paulo – 2006, p. 24.

²⁴ Corpo, alma, espírito: O interesse de Agostinho por Deus e pela alma, era tal que se poderia esperar, que seu pensamento sobre o corpo fosse mínimo. Entretanto, transcender sua reflexão sobre o corpo foi apenas um dos aspectos da busca que ele manteve por toda para conhecer a Deus e a si próprio. Ele também tinha necessidade de refletir sobre o corpo em suas relações com a alma (*anima, mens, spiritus*), de maneira que não fosse puramente corporais. *Corpus* poderia se referir a qualquer entidade corporal. Cada corpo possui dimensão (*mensura*), número (*numerum*) e peso (*pondus*), o que quer dizer que um corpo é algo que pode se mover no tempo e no espaço, e que se distingue, assim, da alma, que se move no tempo, enquanto se estende em três dimensões, se opõe ao espírito, que é um todo onde quer que esteja. (FITZGERALD, Allan. *Agostinho através dos tempos*. São Paulo, Paulus, 2018, p. 286).

As diversas belezas das coisas temporais, filtrando-se por meio das sensações carnis, arrancam o homem decaído da unidade de Deus, introduzindo-o na multiplicidade de afetos efêmeros. Daí se origina essa abundância laboriosa – se assim podemos dizer – essa copiosa indigência, que faz o homem ir atrás de uma coisa e outra, sem se reter em nada. Assim diz o salmista: “Desde o tempo da colheita do trigo, do vinho e do azeite, eles se dissiparam, de modo que não mais se encontram a si mesmos” (Sl 04). Isso quer dizer: não mais encontram a Deus, aquele Ser imutável e único, em cujo seguimento não há erro, e cuja posse não acarreta dor alguma ²⁵.

A felicidade não está naquilo que podemos possuir, mas é aquilo que podemos ser e oferecer como pessoa humana. Uma felicidade de momento sem dúvida é aquilo que queremos tomar posse, e ganhamos ou arrecadamos no determinado momento, mas isso tudo passa. Se apegar com coisas terrenas é perda de tempo, a qualquer momento tudo isso acaba, e nossa vida continua.

Queremos todos ser felizes? Apenas havia pronunciado tais palavras que a uma só voz e espontaneamente aprovaram. E que que vos parece: quem não tem o que quer é feliz? Não, responderam em uníssono. Como? Mas então, quem tem o que quer é feliz? Minha mãe nesse interim, tomou a palavra: Sim, se for o bem que ele apetece e possui, será feliz. Mas, se forem coisas más, ainda que possua, será desgraçado. [...] A essas palavras, minha mãe proferiu tal exclamação que, ouvindo de todo o seu sexo, parecia-nos ver alguma grande personagem assentada entre nós. [...] Portanto, está entendido, entre nós, que ninguém pode ser feliz, sem possuir o que deseja, e, por outro lado, não basta ao que já possuem ter o ambicionado para serem felizes ²⁶.

Acompanhando esse diálogo, mas sobre tudo a fala certa de Monica, mãe de Agostinho, percebemos claramente que não basta alcançarmos ou adquirimos algo de útil para ser feliz, mas o que importa de tudo isso, é alcançar aquilo que faça a vez e a propagação do bem. É possível até ter tudo aquilo que almejamos, o dinheiro facilita muito, e existem possibilidades e privilégios, mas tudo isso não nos leva a satisfação plena. De que adiante ter tudo nas mãos, pode até ser por conquista própria, e não estar bem consigo mesmo? Isso não vale de nada. As conquistas precisam surgir primeiramente, da honestidade de cada um, e por conseqüente colher os benefícios que isso oferece. Ser propagador do bem, nos leva a alcançar a vida feliz.

²⁵ AGOSTINHO. *A verdadeira religião*. Paulinas, São Paulo – 1987, p. 73.

²⁶ AGOSTINHO, *a vida feliz*, cap. II, Paulus, São Paulo – 1998, p. 128.

Ainda diante do diálogo com seus familiares e amigos, Agostinhos prossegue dizendo:

Pois bem, prossegui, admitis ser infeliz o homem que não é feliz? Sem a menor dúvida. Logo é infeliz quem não possui o que deseja? Todos aprovaram. Então, o que o homem precisa conseguir para ser feliz? Eis talvez aí um bom suplemento ao nosso festim, pois precisamos não esquecer o grande apetite de Licêncio. Imagino eu que tal homem desejoso da felicidade deva obter tudo quanto pode querer, à sua vontade? Evidentemente, disseram eles. Isso significa ser necessário que se procure um bem permanente, livre das variações da sorte e das vicissitudes da vida. Ora, não podemos adquirir à nossa vontade, tampouco conversar para sempre, aquilo que é perecível e passageiro²⁷.

Ser feliz é alcançar aquilo que nos completa, e dessa forma ser exatamente aquilo que somos, e claro, ter a presença de Deus no interior e no exterior de cada pessoa humana. A infelicidade surge a partir do momento que notamos em nós mesmos, e em nossa volta, a ausência da felicidade, e automaticamente a ausência e presença de Deus, verdade única e suprema.

A felicidade se tornou algo de consumo próprio, diferentemente do sentido primeiro que ela mesma precisa alcançar nas pessoas. Querer ter tudo, não necessariamente é poder ter tudo, engano daqueles que pensam na grandeza das coisas, na ambição desregrada do poder excessivo, tudo isso faz com que, o ser humano se limite ao seu pequeno quadrado de infelicidade. Muitas vezes, nossa vontade fala mais alto que nossa própria consciência, e ao querer ter tudo, cada vez mais nos afastamos daquilo que realmente é necessário, ora sabemos que o que precisamos é da felicidade, e desfrutar de todos os seus benefícios.

Uma vida feliz, é uma vida mergulhada na alma de Deus, ser feliz junto com as possibilidades e o contato com Deus. Agostinho com sua conversão, permite ser guiado por Deus, sim, agora Santo Agostinho, tem sua alma inserida na alma de Deus, portanto, alcançou a felicidade espiritual, após tantas vezes achar que Deus estava longe dele, quando na verdade estava bem mais próximo do que ele mesmo imaginava. É nas limitações humanas que Deus se faz presente, Ele sempre tem a necessidade de nós ajudar, Ele mesmo se faz ajuda.

²⁷ AGOSTINHO, *a vida feliz*, cap. II, Paulus, São Paulo – 1998, p. 129.

2.2 Como definir a Felicidade?

Santo Agostinho, nos diz em seus escritos, que almeja incansavelmente essa busca pela felicidade. A verdadeira felicidade, portanto, é possível por meio da comunhão com a Trindade – Deus Pai, Filho e Espírito Santo –: da unidade do Pai todo poderoso, sua sabedoria encarnada no Filho unigênito salvador e pela ação do Espírito Santo que sopra e move. Nessa questão, a filosofia de Santo Agostinho se torna diferente da filosofia clássica, pois a verdade torna-se uma personificação de um Deus da Trindade, do *logos*²⁸ encarnado, ou seja, o verbo encarnado: Jesus Cristo.

O ser humano que busca a sabedoria acaba encontrando a verdade plena e eterna. A verdade para Santo Agostinho é Deus. A verdade que é imutável, eterna, invariável e que garante ao homem uma vida sábia e feliz. Portanto, alcançamos o conhecimento da verdade em nossa mente mediante a um “- Certo impulso interior que nos convida a lembrar-nos de Deus, a buscá-lo, a sentir sede dele, sem nenhum fastio, jorra em nós dessa mesma fonte da Verdade...” (AGOSTINHO, 1998, p. 156).

De certa forma, esse impulso é a sede de algo ainda não encontrado, mas com uma vontade imensa da descoberta do divino. A seguir, Santo Agostinho nos afirma:

[...] enquanto estivermos em sua busca, somos forçados a reconhecer que ainda não nos saciamos da água dessa fonte. E servindo-me daquele termo “plenitude” empregado por Licêncio, ainda não possuímos a plenitude. Não presumamos, assim, haver alcançado a nossa medida. Porque, também se certos da ajuda de Deus, ainda não atingimos a Sabedoria, nem, por conseguinte, a felicidade²⁹.

²⁸ Logos: O termo grego logos, é traduzido por “palavra”, “expressão”, “pensamento”, “conceito”, “discurso”, “fala”, “verbo”, “razão”, “inteligência.” A esta multiplicidade de significações agregaram-se outras, ou derivadas delas ou formadas pela combinação de alguma delas, assim, por exemplo, logos tem sido usado também para significar “lei”, “princípio”, “norma” etc. Tem-se discutido a origem do termo. O verbo logos, é traduzido como falar e dizer, nessa discussão, tem-se indicado que o sentido primário de logos, é “recolher” ou “reunir.” [...] De todo modo, o termo “logos” foi um vocábulo central na filosofia grega, tendo sido mais tarde incorporado a outros idiomas em expressões nas quais se pretende indicar que “algo é estudado”, de modo que essa terminação é adicionada aquilo que é estudado. (MOURA, Ferrater, J. *Dicionário de filosofia*. T. III. Tradução Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2000, p. 1794).

²⁹ AGOSTINHO, *a vida feliz*, cap. II, Paulus, São Paulo – 1998, p. 156.

Santo Agostinho ainda tem a plena consciência de que não alcançou a plenitude completa. Em uma de suas principais obras: *Confissões*, o filósofo em busca da verdade nos diz: “Vós o incitais a que se deleite nos vossos louvores, porque nos criastes para vós e o nosso coração vive inquieto, enquanto não repousar em vós³⁰” De certa maneira, esse repouso que foi citado por Santo Agostinho, é a conquista da busca incansável do ser humano em saciar-se de seus desejos, que causa inquietudes no coração humano. É a medida suprema da verdade e a mais perfeita plenitude da alma. Todo ser humano quer chegar à medida suprema, e através disso, pela verdade atingirá, de fato, a vida feliz.

Assim, Santo Agostinho nos provoca a olhar para a busca da felicidade, e nos diz que, tudo isso nos faz conhecer, piedosa e perfeitamente, Aquele que de fato nos conduz, nos leva mais e mais à verdade, como podemos ver a seguir:

[...] Pois a perfeita plenitude das almas, a qual torna a vida feliz, consiste em conhecer piedosa e perfeitamente:
 - por quem somos guiados até à Verdade (o Pai);
 - de qual Verdade gozamos (o Filho);
 - e por qual vínculo estamos unidos à Suma Medida (o Espírito Santo).
 Nesses três elementos, aqueles que possuem o conhecimento e repelem as ilusões de várias superstições, reconhecem um só Deus e uma só Substância³¹.

Aqui se encontra o cume e a razão da verdade que Santo Agostinho tanto estava procurando. Aqui foi apresentado a verdadeira felicidade, que é a plena comunhão com a Santíssima Trindade. Para o filósofo, isso é primordial na construção de sua filosofia, pois para ele, a razão e a fé caminham juntas. A posse da sabedoria, que permite o homem ser racional e compreender a criação, só é possível pela graça de Deus, que criou o mundo e suas criaturas. Por isso, o filósofo acredita que somente se alcança a sabedoria, a felicidade e tantas outras virtudes, através da posse de Deus.

Tendo eles chegado ao ponto cume da conversa, e afirmarem que a perfeição desta plenitude, está em conhecer piedosa e perfeitamente a comunhão com a Trindade, e conseqüentemente com Deus, sua mãe Mônica, acrescenta a importância da vida feliz: “[...] e essa é a vida perfeita. Tenhamos confiança que poderemos ser

³⁰ AGOSTINHO, *confissões*, I. I, Paulus, São Paulo – 1997, p. 10.

³¹ AGOSTINHO, *a vida feliz*, cap. II, Paulus, São Paulo – 1998, p. 156-157.

*levados a ela, prontamente, graças à fé sólida, à alegre esperança e à ardente caridade*³².”

No final desse diálogo profundo com seus familiares e parentes, Santo Agostinho bendiz a Deus, despertando o sentimento de alegria e gratidão a seus convidados. E desta forma, de modo teológico, ele conclui:

Assim pois, disse eu, já que a mesma moderação nos leva a suspender nosso festim pelo intervalo de alguns dias, dou graças com todas as minhas forças ao sumo e verdadeiro Deus, Pai e Senhor libertador das almas. E também a vós que, cordialmente convidados por mim, me cumulastes de dádivas. Pois fostes de tal ajuda em nossos colóquios que, não o posso negar, fui eu o saciado por meus convidados³³.

Santo Agostinho, reconhece que esse grande diálogo ajudou em seu processo de procura, de procura do grande amor. A prática do amor, é a virtude das virtudes, pois Deus é amor, amor que mesmo que se pareça impossível de ser alcançado aos olhos humanos, é possível de ser encontrado aos olhos da fé. Dessa forma, a busca desse amor, deve ser realizada de forma coerente e pensada de modo cristão. Tendo como formador a prática da caridade e da vivência de vida, é fundamental a transformação dos valores. Todo ser humano tem como ponto fundamental a sabedoria que edifica e transforma a vida do ser humano, pois é por meio deles, que se vai em busca da plenitude.

O amar faz do homem, alguém que luta contra as tentações, justamente porque ama, e não deixa com que as avarezas, as tentações da carne, predominem sobre nós. O homem tem o desejo de conquistar a felicidade, e isso faz dele alguém que sofre batalhas espirituais para atralhar na evolução do caminho, do verdadeiro mediador, o próprio Deus, que é o caminho, assim como Ele mesmo nos diz: “[...] *Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida*³⁴.” Ele o caminho para a felicidade plena, felicidade essa que não é uma aparência como muitos procuram viver, mas de forma absoluta como grande referencial a intimidade com o Bem Supremo. Ele a verdade, razão de nossa busca, nossa justiça e sustentação para os desafios. Ele a vida,

³² AGOSTINHO, *a vida feliz*, cap. II, Paulus, São Paulo – 1998, p. 157.

³³ *Ibid.* p. 157.

³⁴ BÍBLIA, *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo – 2002, p. 1879.

princípio de existência, sabedoria infinita, nos garante a possibilidade de continuar seu projeto iniciado, assim como Santo Agostinho bem fez.

O ser humana, ao decidir ser feliz, deve primeiramente tentar alcançar algo que seja perene, que não possa lhe ser roubado por algum tipo de coisa incontrolada. Para Santo Agostinho, quem tem Deus é feliz, essa é sua filosofia, assim como já acompanhamos em nosso diálogo. Nisto, quem busca a Deus faz aqui o que Deus realmente quer, vive bem e está livre do espírito divisor. Entretanto, quem busca a Deus ainda não o possui. Não se deve dizer que já possuem a Deus aqueles que querem fazer a sua vontade ou fazer somente o bem, ou até mesmo aqueles que estão livres do espírito imundo.

Portanto, quem possui a Deus? Podemos ver que, Licêncio opina:

- Possui a Deus quem vive bem.
- Possui a Deus quem faz o que Deus quer que se faça, disse Trígésio. Lastidiano aderiu a essa opinião. Adeodato, o mais jovem de todos, sugeriu então:
- Possui a Deus quem não tem em si o espírito imundo³⁵.

Para fazermos nosso verdadeiro encontro com Deus, é necessário a profundidade e verdade de nossa alma, a liberdade e verdade de nosso espírito, o profundo e o desejo sincero do coração. Deus habita o coração daqueles que permitem sua abertura total. Santo Agostinho procurava fora, Aquele que estava dentro, pra nos mostrar que, Deus não está longe daqueles que querem experimentar a verdade e conseqüentemente a felicidade plena.

Enfim, para Santo Agostinho, a felicidade deve ser buscada pela ação da graça divina, e não somente por simples desejos humanos. Só através da ação divina é que a felicidade será capaz de ser vivenciada e desfrutada pelo homem. A vida feliz se dá na posse de Deus, a partir do momento em que conhecemos e amamos a Ele, com toda nossa alma e com todo o nosso coração, por meio da graça e da fé.

³⁵ AGOSTINHO, *a vida feliz*, cap. II, Paulus, São Paulo – 1998, p. 131.

2.3 A Felicidade em Deus.

A busca pela felicidade é algo extremamente necessário para qualquer pessoa humana. Passar por mudanças radicais de vida e automaticamente, de espírito, é algo extremamente normal, ninguém pode ser infeliz pelo resto da vida, isso certamente causa desconforto e o desânimo de viver. Após a reflexão sobre a busca que Santo Agostinho fez, sobre a verdadeira felicidade, agora é certo afirmarmos que sim, a felicidade é vida, o motivo pela qual buscamos a felicidade plena, é quase como um agradecimento pelo sopro de vida dado ao ser humano, alegria em viver, felicidade ao existir.

Eu te glorifico, Senhor do céu e da terra, louvando-te por meu nascimento e pela infância, da qual não me lembro; concedeste ao homem a possibilidade de reconstruir o próprio passado pelo que vê dos outros homens, e de acreditar em muitas ações também pelo testemunho de humildes mulheres. Eu já existia, era já vivo então, e no fim da minha infância já procurava a maneira de manifestar aos outros os meus sentimentos. De onde poderia vir tal criatura, senão de ti, Senhor? Alguém pode ser autor de sua própria criação? E de onde pode surgir em nós a fonte do ser e da vida, senão de ti, Senhor, para quem existir e viver não são realidades distintas, pois o supremo existir e o supremo viver é uma coisa só? És tu o ser supremo, e não mudas. Em ti o dia de hoje não passa, e, no entanto, passa por ti, pois todas as realidades deste mundo residem em ti; e não teriam meios para passar, se tu não as contivesses. E porque teus anos não têm fim, os teus anos são o dia de hoje; quanto dos dias nossos e dos nossos pais já passaram por este teu hoje, e dele receberam a medida e o modo de existir, e quantos ainda passarão e receberão a medida e o modo de sua existência! “Tu, porém, és o mesmo eternamente”, e todas as coisas de amanhã e do futuro, de ontem e do passado, hoje as farás, hoje as fizeste! Que posso fazer, se alguém não compreende? Que exulte, dizendo: “Que mistério é este”? Que exulte e prefira encontrar-te, não te compreendendo, a não te encontrar, compreendendo³⁶.

Santo Agostinho, após sua escolha certa e radical de mudança de vida, vive um eterno louvor a Deus todo poderoso, uma eterna gratidão. Mesmo que não mereçamos a presença dele em nossa vida, Ele sempre estará lá, para nos orientar e nos mostra o caminho da vida feliz diariamente. Ser feliz não é somente um hoje, mas uma eternidade da nossa história. Diante da grandeza de Deus, somos quase nada, e nos tornamos pequenos e incapazes de explicar esse mistério. Ser feliz em Deus, é permitir que a felicidade se perpetue eternamente, e mesmo assim lutar para vencer

³⁶ AGOSTINHO, *confissões*, I. I, Paulus, São Paulo – 1997, p. 26-27.

os problemas e dificuldades da vida. A felicidade em Deus, não está naquilo que podemos dar de modo material, mas está naquilo que podemos oferecer de maneira espiritual, desta forma, oferecer aquilo que vamos aprendendo e colocando em prática. Se temos a Deus, qual a necessidade da triste e da infelicidade? Pois bem, isso tudo nos acompanha, mas Deus nos capacita para continuar, pois Ele não deseja ver, nenhum de seus filhos para baixo, assim como aconteceu com Santo Agostinho.

É feliz somente, aquele que não tem aquilo que quer; mas, somente aquele que encontrou a Deus e o tem como princípio único, é feliz. Entretanto, todo aquele que procura a Deus tem a Ele como base principal, mas ainda não é totalmente feliz. Dessa forma, todo aquele que se afasta de Deus por causa dos vícios e pecados não só não é feliz, como também não tem a Deus como princípio único.

todo ser humano, quando não pensa bem as suas decisões, acaba se afastando de Deus. Ou seja, o ser humano não é feliz e não vive conforme a vontade divina. Segundo a reflexão de Santo Agostinho, afastar-se de Deus é uma questão humana tratada no sentido moral, pois numa visão do estudo do ser, a criatura jamais existiria longe do seu criador. Portanto, em Santo Agostinho, o ser humano tem extrema necessidade de estar com Deus. O homem e Deus são seres muito próximos e é impossível um estar distante do outro. Pode alguém ter vida, longe daquele que é a própria vida? Isso é quase como que, impossível. Deus é de fácil acesso, pois Ele simplesmente está, em absolutamente todos os lugares, principalmente dentro de cada pessoa humana, permitindo as batidas do nosso coração, e o sopro fiel e bendito da vida.

Tarde te amei, ó beleza tão antiga e tão nova! Tarde demais eu te amei! Eis que habitavas dentro de mim e eu te procurava do lado de fora! Eu, disforme, lançava-me sobre as belas formas das tuas criaturas. Estavas comigo, mas eu não estava contigo. Retinham-me longe de ti as tuas criaturas, que não existiriam se em ti não existissem. Tu me chamaste, e teu grito rompeu a minha surdez. Fulguraste e brilhaste e tua luz afugentou a minha cegueira. Espargiste tua fragrância e, respirando-a, suspirei por ti. Eu te saboreei, e agora tenho fome e sede de ti. Tu me tocaste, e agora estou ardendo no desejo de tua paz.³⁷

³⁷ AGOSTINHO, *confissões*, I. X, Paulus, São Paulo – 1997, p. 299.

Uma das mais belas louvações dirigidas ao Deus da vida, verdade plena e felicidade infinita, realizada mesmo ainda distante de Deus. Santo Agostinho, reconhecendo sua pequenez e fragilidade, com muita humildade percebe e acolhe a presença de Deus em sua vida. Buscar a Deus, não é algo distante do ser humano, basta que o procuremos, o problema é nos dispormos a segui-lo, e a renunciarmos tudo aquilo que de bom grado é necessário fazer. Deus, ser infinito de amor e misericórdia, ferramenta de auxílio e salvação para nós, seres finitos, falhos e sedentos de ajuda.

Estar nessa procura do Bem maior, impulsionava Santo Agostinho a uma mudança de vida interior, mas a sua carne não permitia isso e diante desse desejo, ele descobre que a Verdade já habitava dentro de si, ou seja, jamais foi abandonado pelo dono da Verdade, que vem ser Deus, e que a vida feliz, é algo que é almejado por muitos, mas que não pode ser encontrada de forma corporal, mas sim, espiritual.

A graça de ir ao encontro da felicidade, não é somente um desejo de ama-la, mas também, querer possuí-la para assim ser feliz. Sabemos que, amar é a presença de Deus dentro do homem, amor esse que na medida que é retribuído, é sinal da real presença de Deus na vida de qualquer homem. Essa prática de amor, faz de Deus e o homem, um vínculo precioso e íntimo de amizade, até mesmo uma cumplicidade, tudo isso constrói o desejo no homem, de um encontro com Deus, acima de todas as coisas e conduz a ir de encontro com a finitude humana e a eternidade que é infinitude de tudo.

Toda a minha esperança baseia-se na grandeza da tua misericórdia. Concede-me o que me ordenas, e ordena o que quiseres. Tu nos ordenas a continência, e alguém disse: “Consciente de que ninguém pode possuir a continência, a não ser por dom de Deus, já era sabedoria o saber de onde vem esse dom”. É graças à continência que nos reunimos e nos reconduzimos à unidade, da qual nos afastamos para nos perdermos na multiplicidade. Pouco te ama aquele que ao mesmo tempo ama outra criatura, sem amá-la por tua causa. Ó amor, que sempre ardes e não te extingues jamais! Ó caridade, meu Deus, inflama-me! Tu me ordenas a continência: concede-me o que me ordenas, e ordena o que quiseres³⁸.

A esperança de Santo Agostinho, foi colocada diante da bondade e da misericórdia de Deus. Somos chamados a contemplar três palavras chaves: a graça incalculável e imensa de Deus, o amor imensurável por cada pessoa humana, dando

³⁸ AGOSTINHO, *confissões*, I. X, Paulus, São Paulo – 1997, p. 300-301.

a possibilidade de vida e salvação, e a caridade, preocupação para com aqueles que mais precisam, não necessariamente do alimento físico, mas nesse caso, do alimento espiritual e temporal para nossa alma.

Diante de tantos desafios, diante de suas confissões, e em busca de uma vida feliz, Santo Agostinho tem a alegria de sentir a Deus e presenciá-lo como o seu grande mestre e Senhor. O que antes era uma inquietação, agora é um alento conforme podemos acompanhar. Em meio a tantos problemas e dúvidas que vivenciou em sua vida, Santo Agostinho em busca de sua conversão sincera de coração a Deus, para ir de encontro com a beatitude, fez com que mesmo estando longe dos propósitos divinos, jamais esqueceu tudo que aprendeu, mesmo que em sua vida tudo era passatempo, seu desejo de forma interior era a fé que fortalecia seu interior, a fé que vem do alto, e que por diversas vezes fez Mônica chorar e suplicar, e as práticas do bem, fez e ainda faz irmos de encontro com a Verdade.

Se te agradam os corpos, louva a Deus por eles e dirige o teu amor a quem os criou, para não lhe desagadares ao encontrar prazer em tais criaturas. Se te agradam as almas, ama a elas em Deus, pois são também mutáveis e somente nele tornam-se estáveis; de outro modo, passariam e pereceriam. Portanto é em Deus que deves amá-las; leva-as contigo até ele, dizendo-lhes: “Amemos, amemos a Deus!” Foi ele o criador dessas realidades, e delas não está longe, pois não as abandonou depois de criá-las. Dele elas vêm e nele existem. Ele está onde se saboreia a verdade. Ele está no íntimo do nosso coração; mas o coração se afastou dele. “Voltai aos vossos corações, pecadores”, e ligai-vos àquele que vos criou. Firmai-vos nele e sereis estáveis. Repousai nele e tereis a paz. Por que ir à procura de sofrimento? Aonde quereis ir? O bem que amais procede dele, mas só é bom e suave quando para ele é dirigido. Torna-se justamente amargo, porque, se abandonamos a Deus, torna-se injusto amar aquilo que dele deriva. Por que percorrer ainda esses caminhos ásperos e difíceis? A paz não está onde a procurais. Procurai o que procurais, mas não está onde procurais. Procurais a vida na região da morte. Como poderá haver vida feliz onde nem sequer existe vida? ³⁹.

Em tudo se deve louvar e agradecer ao Deus verdade, se alegrar com a felicidade conquistada momentaneamente, com os avanços e as vitórias atingidas, tudo louvai ao Senhor. A felicidade está justamente na plenitude espiritual, e a graça de encontrá-la está na vivência da fé de forma madura e serena, pois o encontro da verdadeira felicidade, de modo pleno, não se dará neste mundo, mas sim na cidade celeste, onde o próprio Deus e Senhor da história, estará de modo concreto a esperar

³⁹ AGOSTINHO, *confissões*, I. IV, Paulus, São Paulo – 1997, p. 103-104.

por cada um dos seus, que mesmo de forma limitada, está renunciando a tudo e lutando contra seus erros, para estarem juntos daquele que é realmente o dono da verdade.

Para possuir a felicidade, é necessário conhecer o dono dela, e saber que ela está inserida no interior de cada pessoa humana. A felicidade está em Deus, a felicidade é Deus, e está unido a ele, a felicidade é amor, amor que consome, que é o próprio Deus, que tudo faz mostrando seu amor, principalmente em acolher aquele que estando distante dele, faz o impossível para estar presente, mesmo que os olhos se fechem para essa realidade, mas essa realidade consiste naquele que ama sem medida, um amor que não é compreensível aos olhos humanos.

Contudo, a felicidade depende somente da pessoa, sendo no seu presente ou no seu passado, o importante é que, mesmo não tendo a certeza de ser em Deus, alguém que pratique o bem de modo perfeito, seja aquele que mesmo em sua fragilidade, possa ser o bem para todos, pois sendo o bem, está transmitindo a graça da bondade, de modo que a abertura para o amor, e a graça é o caminho para a verdadeira felicidade, que não se cansa de transmitir o amor imensurável de Deus por nós.

CAPÍTULO III: A FELICIDADE COMO PLENITUDE ESPIRITUAL

Prosseguindo nossos estudos, todo o assunto sobre a busca da felicidade não é nenhum tipo de novidade como já vimos nos dois últimos capítulos: os filósofos antigos já se arriscaram na busca de uma felicidade verdadeira, real e imutável. Contudo, atingir a vida feliz continua sendo um tema atual e muito comum na contemporaneidade. A felicidade não tem prazo de validade, e também não é descartável, ela permanece e age de maneira ininterrupta.

Já é de nosso conhecimento que, Santo Agostinho (1998) dedicou-se incansavelmente para refletir sobre a verdadeira felicidade. Em sua obra *Confissões*, ele afirma:

Longe de mim, Senhor, longe do coração deste vosso servo, que se confessa a Vós, o julgar-se feliz, seja com qualquer alegria. Há uma alegria que não é concedida aos ímpios, mas só aqueles que desinteressadamente vos servem: essa alegria sois Vós. A vida feliz consiste em nos alegrarmos em Vós, de Vós e por Vós. Eis a vida feliz, e não há outra. Os que julgam que existe outra, apegam-se a uma alegria que não é a verdadeira. Contudo a sua vontade jamais se afastará de alguma imagem de alegria⁴⁰.

Sabemos que é natural de cada pessoa, buscar métodos para alcançarem a tão sonhada felicidade, porém esperam, muitas vezes, encontrar caminhos fáceis e acessíveis para se satisfazerem, e acabam se perdendo no meio do caminho, encontrando apenas uma ilusão ou uma alegria passageira. Temos plena consciência de que o caminho para buscar a felicidade, não é nada fácil. Neste capítulo, vamos fazer uma ponte entre a felicidade para Agostinho e o que se diz ser a felicidade em nossos dias.

O ser humano busca incansavelmente a satisfação e isso fica nítido em nossos dias. Muitas vezes as pessoas buscam satisfazer os prazeres, ter posse de fortunas e até mesmo ser famoso ou poderoso em nossa conturbada, maluca e extremamente agitada sociedade. Desde o nascimento, somos “moldados” por nossos familiares, figuras importantes em nossas vidas, a fazer e ser o melhor, para poder ter um futuro de sucesso e felicidade. A tão conhecida pergunta: “o que você vai ser quando

⁴⁰ AGOSTINHO, *confissões*, I. X, Paulus, São Paulo – 1997, p.295.

“crescer?” de certa forma, virou uma responsabilidade e só é aceita quando a criança sonha em algo que dê dinheiro; como se a felicidade dependesse da situação financeira e de uma vida estável e confortável, infelizmente é essa a sociedade manchada e doente que estamos enfrentando.

Mesmo não sendo de fato feliz, ou algo que se assemelhe, o ser humano tenta encontrar uma maneira para deixar transparecer felicidade, seja no modo de se vestir, de viver e, até mesmo, pelas redes sociais. Estar em um lugar considerado bom ou com alguém “famoso”, comer um prato delicioso, tudo é motivo de status para mostrar a todos os seguidores e amigos como estamos sendo felizes naquele momento. Parece que as pessoas precisam provar para sua rede de amigos virtuais o quanto é feliz no seu dia a dia. Uma sociedade movida pela, onde a mídia influência e oferece meios para buscar a felicidade.

Todavia, todo esse cenário de vida feliz que vemos nos dias de hoje não é a verdadeira felicidade. Existe uma diferença enorme entre o que se transparece nas fotografias e o que é, realmente, a felicidade. O que vemos nos momentos e poucos segundos de status pode ser apenas uma forma de o ser humano saciar os seus anseios: são momentos de alegria e estar alegre é diferente de ser feliz. Podemos refletir sobre as máscaras presente em cima dos rostos de cada pessoa uma sociedade que almeja e pratica a falsidade.

Por isso, a busca pela verdadeira felicidade ocorre há tanto tempo. A questão sobre atingir a vida ideal e a satisfação dos desejos e necessidades é primordial para o ser humano se sentir realizado na vida. Independente da época e do contexto em que estivermos vivendo, a felicidade continuará sendo meta e foco de muitas pessoas. Incansavelmente vamos caminhando e buscando a verdadeira e importante felicidade, aquela que sacia o homem e o complete inteiramente.

Para esse último capítulo da monografia, trabalharemos o filósofo e sociólogo: Zygmunt Bauman (2009), que tem como base os estudos sobre a sociedade líquida, e um trabalho de consulta sobre a felicidade moderna. Faremos um paralelo com a filosofia de Santo Agostinho (1998), e o pensamento de Bauman (2009).

3.1 O que hoje é buscar a Felicidade?

Começamos refletindo sobre a felicidade atual, sobre os desafios e as conquistas que ainda alcançamos. O sociólogo Bauman (2009), nos orienta que a “*vida líquida*”, e a “*modernidade líquida*” estão trabalhando em comum acordo. Para ele, a vida líquida é uma forma de vida, uma escolha de vida, que tende a ser assumida numa sociedade moderna, ou seja, nessa nossa atualidade e realidade. Essa vida líquida, não pode manter uma mesma forma dessa vida que levamos, ou permanecer muito tempo, uma vez que as condições sobre as quais agem os seus membros mudam em questão aos hábitos, as nossas rotinas, e as várias ações num tempo mais curto do que aquele necessário para a realização adequada.

Na atualidade, o sociólogo e filósofo polonês, aprofunda o tema da modernidade, afirmando em uma de suas obras: *A arte da vida* (2009), que: “[...] *o consumo não leva à certeza e à saciedade. O bastante nunca bastará.*” (BAUMAN, 2009, p.40-41). Ou seja, quanto mais as pessoas tem, mais sede de ter mais coisa ela terá, como se fosse algo insaciável e sem fim.

Essa felicidade de hoje, se baseia no consumo e na posse de coisas, acaba sendo o resultado da influência do mercado econômico e do *marketing*, que tanto promete felicidade a seus consumidores. Sabemos que, além de incitar as pessoas, a tal mercadoria, torna-se sonho ou meta de conquista e adquirir tudo aquilo apresentado. Muitos entram na aventura de economizar, e juntar aquilo que não tem, para adquirir a mercadoria ou objeto que o fará “mais feliz”, de maneira momentânea, essa portanto é nossa sociedade de felicidade falsa e desonesta.

Buscar a felicidade hoje, resumidamente se baseia no ser e no poder. Ter o bastante nunca será o suficiente, não existe a saciedade para alguém que muito tem, muito quer, mas pouco consegue por suas limitações e ganancias.

Numa sociedade assim, a vulnerabilidade também é (ao menos potencialmente) universal. Sua universalidade, assim como a da tentação do estar à frente, à qual se relaciona intimamente, reflete a insolúvel contradição interna de uma sociedade que estabelece para todos os membros um padrão

de felicidade que a maioria desses “todos” é incapaz ou impedida de alcançar⁴¹.

Com os desafios que enfrentamos nessa chamada modernidade líquida, claramente percebemos a necessidade de as pessoas criarem um padrão das coisas, ou então, se fechar no seu “mundinho” e nas suas próprias escolhas, vontades e desejos, e através disso, se impor para que as pessoas passem a viver e a experimentar essas experiências indesejáveis.

Como vemos no pensamento do sociólogo Bauman (2009), é impossível de alcançarmos a felicidade, impondo-a como modo obrigatório, como já refletimos, felicidade não se ganha, se vive e se conquista com o tempo e com suas atitudes corriqueiras.

Na sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeitos sem primeiro virar mercadoria, e ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável... A característica mais proeminente da sociedade de consumidores – ainda que cuidadosamente disfarçada e encoberta – é a transformação dos consumidores em mercadorias⁴².

Aquela denominada “sociedade de consumidores” é uma sociedade que julga e avalia seus membros principalmente por suas capacidades e sua conduta relacionada ao consumo. Nesse sentido, referenciar “sociedade de consumidores” vai muito além de verbalizar a observação de seus membros considerarem agradável o consumo, e gastam maior parte do seu tempo e esforços tentando ampliar tais conquistas e prazeres. Para Bauman (2009), dizer sobre uma “sociedade de consumidores” é atestar que todo comportamento e tratamento de todas as partes que constituem o ambiente social, também precisam ser orientados pelo consumo, dessa forma a felicidade se torna uma mercadoria a ser comprada e consumida.

A felicidade, baseada no consumo e na posse de coisas, pode ser o resultado da influência do mercado econômico e do *marketing* que tanto promete felicidade a

⁴¹ BAUMAN, *A arte da vida*, Zahar, Rio de Janeiro – 2009, p. 38.

⁴² BAUMAN, *Medo líquido*, Zahar, Rio de Janeiro – 2008, p. 20.

seus consumidores. Além de incitar as pessoas, a tal mercadoria torna-se sonho ou meta de conquista dos seres humanos.

O problema, porém, é que a sociedade de consumidores faz tudo que se possa imaginar para que a crença na verdade da promessa tranquilizadora de Epicteto pareça contrária à experiência – e, por esse motivo, sua advertência de controle, abstinência e cautela se torne difícil de aceitar. Nossa sociedade de consumidores também faz tudo que se possa imaginar para tornar a prática do conselho de Epicteto uma tarefa desanimadora e um esforço árduo. Mas não a torna impossível. A sociedade pode tornar (e de fato torna) certas escolhas menos prováveis de serem feitas pelos homens do que outras. Mas nenhuma sociedade pode privá-los da escolha⁴³.

A sociedade conturbada do hoje, juntamente com o desregrado consumo desenfreado e falso das coisas, enquanto sociedade de todos, de maneira alguma pode barrar e muitos menos privar as pessoas de fazer suas próprias escolhas, fazer seus atos, somos livres, e cada um desfruta do seu direito de escolha, dentro das possibilidades. Na chamada, modernidade sólida, as pessoas são submetidas a um estado ordenado de modo que experimentam a liberdade de construir suas vidas de maneira individual, na medida em que se sintam amparados dentro dos padrões sociais oferecido pelo estado. Com a modernidade líquida, as pessoas se sentem livres e assim libertos de algum tipo de peso ou dificuldade que obstrui e impede os movimentos, e começam a sentir-se livres para mover-se ou agir.

A felicidade de hoje, se assim podemos dizer, uma felicidade alterada pelo tempo e também pela sociedade, passou por uma severa transformação. De uma felicidade centrada no divino e nas escolhas da verdade, como nos afirmou Santo Agostinho, para uma felicidade de momento e de ganancia avançada do querer e do poder. Uma questão de liberdade e de querer aquilo que é passageiro, ser feliz com aquilo que não satisfaz e é momentâneo, de nada adianta.

Na modernidade líquida, os indivíduos não possuem mais padrões de referência, nem certos códigos culturais e sociais, como que se perdeu a essência própria de fazer as coisas, ao mesmo tempo, escrever a história de sua vida e se incluir dentro das condições de classe e de vivência como cidadão. No que diz respeito à ordem, toda instabilidade tende a refletir no modo de vida das pessoas,

⁴³ BAUMAN, *A arte da vida*, Zahar, Rio de Janeiro – 2009, p.39.

aparentemente cada vez mais pautado em valores momentâneos. Nas palavras do sociólogo Bauman: “*as rotinas antigas e aparentemente eternas começaram a se desintegrar; os hábitos antigos e convenções começaram a mostrar sua idade e os rituais, sua debilidade*” (BAUMAN, 2007, p.100).

Aquilo que de fato foi bem concebido, teve projetos e fez sucesso, dificilmente se acaba, mas é necessário um certo cuidado. A felicidade perdeu seu modo original de ser, a partir do momento que falamos sobre modernidade líquida. Uma vez concreto e verdadeiro, não depende de algo novo e muito menos algo que o satisfaça, pois isso não completará. A felicidade hoje, se dá por meio de coisas vazias também, como por exemplo a presença forte das redes sociais nas vidas e nas mentes “raptadas” das pessoas.

Hoje em dia, são apresentadas muitas formas de felicidade, mas nem sempre elas expressam, na essência, a vida feliz. No mundo virtual, especificamente nas redes sociais, o ser humano expõe-se de uma forma que seus amigos que partilham e dividem o mesmo *site* ficam por dentro de tudo o que a pessoa gosta, curte, frequenta e faz. Algo divertido e dinâmico, mas que também é uma arma para deixar a realidade de lado e mascarar aquilo que realmente não é.

O filósofo e sociólogo Zygmunt Bauman (2009), vai apresentando para cada leitor e estudante de suas obras, essa busca pela felicidade moderna, a felicidade do hoje, nos apontando ligações, caminhos específicos do consumismo, ligado com a riqueza desonesta, e a felicidade falsa e bestial que vamos enfrentando hoje. Comparando o pensamento de Santo Agostinho (1998), e de Bauman (2009), podemos nos perguntar, qual o problema sério que hoje atinge a felicidade? Certamente a resposta para essa pergunta, acaba sendo o próprio homem, e toda a sua ganância. É necessário saber se portar e usar absolutamente tudo, com muita sabedoria e discernimento, inclusive a felicidade, por incrível que pareça.

3.2 Dentro da ética de Santo Agostinho, como chegar à plenitude espiritual na pós modernidade?

Para refletir sobre esse conceito da plenitude espiritual, é de importância voltarmos sobre a primeira experiência de vida de Santo Agostinho, e mais posteriormente o seu processo de conversão e readaptação. Um novo olhar, porém, precisa ser destacado na questão da contemporaneidade.

Por meio dos caminhos percorridos durante sua vida, no contexto próprio de sua época, Santo Agostinho pôde experimentar uma crise de sentidos, parecida com a que a contemporaneidade se encontra atualmente. Antes de sua conversão, o filósofo passou sua vida buscando sentido e felicidade em coisas que o aprisionavam e o distanciavam de algo verdadeiro e imutável.

A conversão de Santo Agostinho é famosa na história e em sua biografia. Dizem que foi através das orações de sua mãe, Santa Mônica, que ele mudou radicalmente de vida. O episódio de sua conversão é um marco importante na sua vida, pois aconteceu logo após um aprofundamento dele nos estudos filosóficos, tendo, então, sua vida refletida a partir da verdade divina e gozando das alegrias provindas de Deus.

Em uma vida contrária a uma vida feliz, Santo Agostinho passou pelo desespero e pela angústia, reconhecendo, naquele momento, que necessitava de algo que o saciasse completamente. Esses sentimentos conduziram-no ao seu interior, fazendo-o conhecer a si próprio e mudando a sua relação com o mundo. A partir daí, o filósofo alcançou a transparência da alma e a posse da felicidade plena e verdadeira.

Foi pela liberdade que Santo Agostinho chegou a esse ponto de sua vida, reconhecendo que só poderia alcançar a felicidade a partir do momento em que estivesse livre das paixões passageiras, do prazer terreno e instantâneo que o mundo oferecia. Ele compreendeu que o caminho para a satisfação plena se dá a partir dos aprendizados da vida, das experiências vivenciadas e de como o ser humano vai se tornando mais forte e sábio após reconhecer a essência vital, sem se prender nas coisas superficiais.

Encontrei muitos com desejos de enganar outros, mas não encontrei ninguém que quisesse ser enganado. Onde conheceram eles esta vida feliz senão

onde alcançaram o conhecimento da verdade? Amam a verdade, porque não querem ser enganados; e, ao amarem a verdade feliz, que não é mais do que a alegria oriunda da verdade, amam, com certeza, também a verdade. Não a poderiam amar se não tivessem na memória qualquer noção de verdade.

Por que não encontram nela a sua alegria? Por que não são felizes? Não são felizes, porque, entregando-se com demasiado afincamento a outras ocupações que, em vez de ditosos, os tornam ainda mais desgraçados, recordam, apenas frouxamente, aquela Verdade que os pode fazer felizes⁴⁴.

Olhando essas experiências vividas por Santo Agostinho, claramente podemos perceber mais uma vez que, não basta termos tudo o que queremos, isso não nos completará, isso não realizará nossa felicidade completa. Feliz sim, é aquele que sabe se contentar com aquilo que tem e o deixe satisfeito, aquele que sabe desfrutar da verdade, a única e essencial felicidade.

Suas experiências nos enriquecem, pois ele mesmo viveu aquilo que sabemos não ser certo, e através disso nos mostra que esse caminho é falho e não vale a pena. Ter a completude, saber contemplar a plenitude espiritual, é poder chegar no grau máximo da presença e da intimidade com Deus, saber de fato compreender e viver a felicidade como vida, e não como bens e riquezas.

O percurso do caminho da verdadeira felicidade ocorre com relação ao mundo, não se prendendo ao que é passageiro, ao que é enganador e que nos leva à ilusão. Hoje, é nítido como as pessoas são seduzidas por facilidades, por ofertas e produtos que se mostram positivos, isto é, são seduzidas por uma falsa ilusão de sentido e de felicidade, deixando de lado a essência das coisas. Claramente, um viver para o mundo, e não mais para si mesmo e para sua família.

As construções sociais e as relações de consumo, tomaram conta da mente das pessoas, nessa sociedade agitada, na modernidade líquida, como nos diz Zygmunt Bauman (2009). É necessário que o ser humano, ao trilhar o caminho em busca da vida feliz, desbrave daquilo que o aprisiona: a busca de alegrias passageiras, como a satisfação de prazeres momentâneos; a tentativa de saciar o tédio, consumindo bens materiais, como compra de roupas, carros, aparelhos eletrônicos etc.; o inventar uma felicidade nas redes sociais para aumentar sua própria autoestima; e, até mesmo, o deixar-se viciar em algo que nunca satisfará o seu

⁴⁴ AGOSTINHO, *Confissões*, Paulus, São Paulo – 1997, p.286.

interior, pelo contrário, apenas deixará as pessoas dependentes de algo que nunca poderá conceder a felicidade verdadeira. Com todas essas situações apresentadas, tentamos cada vez mais viver em uma contemporaneidade “maluca” e sem limites.

Tendo em vista todos os desafios atuais, é importante lembrarmos da origem de como e do que realmente é a plenitude espiritual, claro que, lidando com a modernidade avançada, assim como já estamos estudando. Tudo para buscar uma vida feliz, e a completude da felicidade perfeita.

Chegar à plenitude espiritual é o ponto mais exato da presença de Deus na vida de uma pessoa, ser todo pleno da presença da Verdade suprema, e saber se conhecer desfrutando de tudo aquilo que somente as pessoas podem oferecer. A plenitude é a sabedoria, Agostinho ressalta que para alcançar a felicidade é preciso sair da ignorância e seguir um caminho que o leve à plenitude. A sabedoria é a medida da alma.

[...] Onde há medida e proporção não existe nem a mais nem a menos do necessário. Aí se encontra precisamente a plenitude. Termo esse que opusemos à indigência. E é preferível o emprego da palavra “medida” ao de “abundância”. Pois essa última traz certa ideia de afluxo e transbordamento, algo em profusão. Ora, onde há mais do que é conveniente, constata-se falta de moderação, pois o excesso ocasiona essa falta de medida⁴⁵.

Sabedoria é a plenitude. É na plenitude que surge a medida. A medida para o espírito está na sabedoria. Ser feliz nada mais é que não ser indigente, isto é, ser sábio. A medida do espírito nada mais é que o equilíbrio, ou seja, não deve incorrer excesso e nem restrição ao que é inferior à plenitude. Aquele que é feliz tem justa medida, isto é, a sabedoria. Deus é sabedoria, portanto, todo aquele que é feliz tem a Deus. Jamais poderá haver verdade sem medida, nem medida sem verdade.

⁴⁵ AGOSTINHO, Vida feliz, Paulus, São Paulo – 1998, p.153.

3.3 Quais as possibilidades, os caminhos e os desafios possíveis para chegar na plenitude espiritual hoje?

Raramente se vive hoje, uma completude da felicidade, nada chega até o ponto máximo da vida feliz de verdade. Como já estudamos no tópico anterior, chegar à plenitude espiritual, é enfrentar várias renúncias e desafios. Plenitude é sabedoria, é dom, é palavra, é presença, ter a certeza da medida exata, e toda inteligência voltada para Deus.

O que possivelmente causa um certo descontrole, e um grande desvio do caminho de cada pessoa humana, é o mal uso da sua mente, e conseqüentemente da sua inteligência. A vida do homem hoje, se tornou uma vida vazia, e pobre de todos os sentidos possíveis. Uma felicidade da contemplação e da satisfação em Deus, para uma felicidade momentânea e sem caminhos concretos e seguros, algo passageiro e vazio. Assim estamos caminhando, sem muita direção em caminhos tortuosos e incertos.

Não podemos achar simplesmente, que a felicidade tem algum vínculo com a sorte, não dá para deixar sem resposta, ou esperar que essa própria resposta caia do céu. Nem todo ser humano que é sortudo tem a garantia que alcançou a vida feliz. Pode ter toda sorte em jogos, amor e dinheiro, porém, essas coisas não são frutos de uma vida feliz e realizada, sabemos que nada disso vai oferecer a satisfação completa e tão desejada. Por outro lado, quem é feliz pode ser considerado uma pessoa sortuda, pois atingiu um estado de espírito que muitos sábios tentaram buscar e alcançar. Realmente, a vida feliz acaba se tornando um mistério que precisa ser revelado aos poucos, e sem muita esperança da sua completude inteira.

Enfim, essas e outras coisas podem atrapalhar e desvincular o ser humano do verdadeiro caminho em busca da felicidade plena. O perigo de nossos dias é achar que a vida feliz está presa em coisas superficiais e passageiras. Para Santo Agostinho, a felicidade é alcançada a partir do momento em que a pessoa possui o que ela deseja, porém, não adianta possuir algo que não for para o bem. E mais uma vez, não adianta possuir absolutamente da que vai levar um grande vazio para dentro do seu próprio ser. Nos falta, uma maior atenção para a graça de Deus, como podemos ver a seguir:

[...] Considerando também a vontade, que nos leva a crer e se atribui ao dom de Deus, porque nasce da liberdade e a recebemos na criação, reflita e perceba o contraditor que não somente se deve atribuir esta vontade à graça divina, porque procede da liberdade inserida em nós pela natureza desde a criação, mas também porque Deus age mediante meios suasórios visíveis para nos levar a querer e a crer. Esta atuação divina pode se dar ou exteriormente por meio de exortações evangélicas, com alguma influência dos preceitos da lei, se levam o homem à consciência de sua fragilidade e a se refugiar pela fé na graça que justifica, ou interiormente, onde ninguém pode provocar nenhum pensamento, mas é iniciativa da vontade consentir ou dissentir⁴⁶.

Diante de toda limitação que vivemos, e o grande avanço da modernidade, uma coisa que ainda hoje, Santo Agostinho (1998) nos faz refletir, é como estamos levando nossa vida, para qual caminho e os desafios que aparecem sempre. Talvez, antes de querer tudo sem necessidade, e antes de vir a “síndrome do vazio completo” que as pessoas estão lidando, seria interessante olhar mais para dentro de si, e contemplar o criador de todas as coisas, Ele que tudo pode e tudo sabe, Ele que é sem sombra de dúvidas, a felicidade completa, e a melhor motivação que existe para nos levar a ter uma vida feliz. Crer no criador, mas podemos dizer mais, acreditar no criador, saber desfrutar da felicidade.

O criador se faz presente em meio as criaturas e toda a sua criação, mesmo nas limitações e em toda fragilidade presente na vida de cada pessoa humana, Ele sempre está de prontidão, e esperando o pedido de ajuda de cada um. O que hoje, em meio a pós modernidade nos prejudica, é tentar esconder a presença de Deus, tentar esconder a felicidade, em coisas vazias e banais, tentar encontrar algo que seja inútil diante da grandeza de Deus.

Deus é como uma pedra preciosa, escondido dentro de um buraco fundo e desafiador, onde a sociedade, como os escavadores desesperados, cavam e cavam cada vez mais para encontrar, por mais que seja fundo e desafiante, sempre existem aqueles que procuram sem cessar, aquilo de valor inestimável e incalculável, e quando o encontram, não se sentem satisfeitos e querem mais e mais, pois essa é a sociedade que estamos enfrentando, o querer e o poder, mas quando encontramos a Deus, nunca mais queremos se separar, pois Ele é nosso sustento, como nos diz nas

⁴⁶ AGOSTINHO, A graça (I), Paulus, São Paulo – 1998, p. 90-91.

sagradas escrituras: “Deus é nosso refúgio e nossa força, socorro sempre alerta nos perigos. E por isso não tememos se a terra vacila, se as montanhas se abalam no seio do mar; se as águas do mar estrondam e fervem, e com sua fúria estremecem os montes.” Quem tem a possibilidade de ter, ou de fazer o encontro com a suprema verdade criadora, nada teme.

O homem hoje, resumindo, é movido pelo querer e querer, portanto chegamos à conclusão que, as pessoas não sabem mais viver. Deus hoje, para os infelizes, virou algo sem valor algum. Dessa forma, um dos maiores desafios de hoje, é tentar se adaptar com as mudanças, e como isso é difícil, principalmente para os mais idosos. Um dos erros fatais da pessoa humana, nessa mudança de época, é o apego de literalmente tudo.

Basicamente as coisas funcionam assim, preciso ter o que eu não tenho? e através disse ser feliz com um vazio sem completude. Preciso manter o que eu tenho, acumulando aquilo que já foi ultrapassado, preciso evitar o que eu não quero ter, e mais uma vez ir de encontro com uma felicidade sem fundamentação. Será mesmo que hoje compensa ser feliz? Muitos são os desafios, mas maiores maior ainda são as possibilidades e os caminhos para tudo isso.

Fazendo as comparações entre os autores estudados, vemos claramente o posicionamento diferente, evidentemente e com razão isso acontece, por questão do tempo e da história de cada um, analisemos, portanto, o que Bauman (2009) nos diz em relação ao vazio do consumo e o apego desenfreado:

A vida na sociedade líquido-moderna é uma versão perniciosa da dança das cadeiras, jogada para valer. O verdadeiro prêmio nessa competição é a garantia (temporária) de ser excluído das fileiras dos destruídos e evitar ser jogado no lixo⁴⁷.

A partir do ciclo e das inclusões e eclosões instantâneas nas relações afetivas, Bauman (2009) elabora uma síntese de diversas áreas sobre o declínio existencial de cada pessoa moderna, associada a um padrão de vida de grande valor insatisfatório,

⁴⁷ BAUMAN, Vida Líquida, Zahar, Rio de Janeiro – 2009, p. 10.

submetendo tudo isso, ao alvo publicitário que fomentam as demandas de níveis desmedidos e desregrados de consumo.

Toda essa análise apresentada por Bauman (2009), parte do pressuposto de que a busca descontrolada por adquirir bens materiais, tem origem na tentativa subjetivada de ocupar simbolicamente um nível de existência desprovido de substâncias vazias. O consumo de maneira rápida, é a maneira mais eficiente de se manter a ordem estabelecida, tanto na sustentação financeira das pessoas, de seus comércios, quanto pela eliminação momentânea das frustrações existenciais de cada pessoa.

A vida do “imediatos” e “agora” dos consumistas de plantão, tem sua direção voltada para a pressa, relacionada à necessidade de descartar e substituir ao invés de comprar em decorrência de suas necessidades básicas. A chamada economia consumista, prioriza todo o movimento dos produtos de todo o mercado, mas, quando isso acontece, as mercadorias adquiridas viram lixo simplesmente e, a partir disso, surge novamente à necessidade de comprar novos bens.

O valor mais característico da sociedade de consumidores, na verdade seu valor supremo, em relação ao qual todos os outros são instados a justificar seu mérito, é uma vida feliz. A sociedade de consumidores talvez seja a única na história humana a prometer felicidade na vida terrena, aqui agora e a cada ‘agora’ sucessivo. Em suma uma felicidade instantânea e perpetua. Também é a única sociedade que evita justificar e/ou legitimar qualquer espécie de infelicidade (...), também na sociedade de consumidores a infelicidade é crime passível de punição, ou no mínimo um desvio pecaminoso que desqualifica seu portador como membro autêntico da sociedade⁴⁸.

Através desse trecho, Zygmunt Bauman (2009) nos apresenta a possibilidade de qualquer sujeito ser feliz. A sociedade dos consumidores é de certa forma, alicerçada por uma lógica secreta, ao mesmo tempo, perpetua uma promessa de grande satisfação através do consumo. Nesse contexto, a cultura, é apresentada por uma contínua e ininterrupta insatisfação dos desejos, ao mesmo tempo em que é pautada pela necessidade de querer sempre mais e pela crescente necessidade de desejos. Nosso sociólogo ainda descreve: “*A sociedade de consumo prospera enquanto consegue tornar a insatisfação de seus membros (e assim, em seus próprios*

⁴⁸ BAUMAN, Medo Líquido, Zahar, Rio de Janeiro – 2008, p. 61.

termos, a infelicidade deles)” (BAUMAN, 2008, p. 64). Eis então, a dissipação da economia de consumo, que está sempre preocupada em satisfazer aparentemente os consumidores.

A felicidade vazia, movida pelo consumo, sim mais uma vez insistimos nisso, o consumo de algo que não lhe fará feliz. Temos a seguir trecho claro e sucinto:

O que quer que seja, segundo Rippin essa maneira de alcançar o estado de felicidade só fica a meio caminho do sucesso, na melhor das hipóteses: as alegrias momentâneas que ela traz se dispersam na ansiedade de longo prazo. O “mundo da fantasia” criado pelos editores de “Como gasta-lo”, insiste ela, é marcado pela “fragilidade e a impermanência. A luta por legitimidade e venerabilidade.” Os ocupantes desse “mundo da fantasia” estão cientes de que “nunca terão o bastante, ou na verdade, um volume suficiente de coisas bastante boas para estarem a salvo. O consumo não leva à certeza e à saciedade. O bastante nunca bastará.” Como um dos colaboradores de “Como Gastá-lo” adverte seus leitores, num mundo em que “todos” podem ter um carro de luxo, os que realmente miram alto “não tem opção senão comprar o melhor⁴⁹.”

Nossa vida não precisa girar em torno do consumo e do ter, mas precisa girar em torno da felicidade da satisfação da alma e do coração, e só vamos encontrar isso, a partir do momento do encontro pessoal e verdadeiro com a sabedoria, com Deus, razão primeira e única de nossa salvação, de nosso viver. Quem hoje busca a realização em Deus? Infelizmente pouquíssimas pessoas, mas Santo Agostinho nos diz claramente: *“É feliz quem possui a Deus.”* (AGOSTINHO, 1998, p. 155). Portanto, buscar bens matérias sem dar toda a importância primeira para Deus, é algo inútil, tendo em vista uma péssima realização, e uma grande chance da infelicidade.

Saciar-se de Deus, esse é o desejo e busca daqueles que amam e querem felicidade, assim como temos presente nas sagradas escrituras: *“Como a corça bramindo por águas correntes, assim minha alma suspira por vós, ó meu Deus! Minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo: quando voltarei a ver a face de Deus?”* (BIBLIA SAGRADA, 2002, p. 906). Saber se contentar com as coisas é fácil, mas viver sem o contento e o consolo de Deus, isso é como que impossível.

Santo Agostinho nos mostra como viveu sem a presença da felicidade, e podemos acompanhar que sua vida, foi de mal a pior, parecendo que tudo caminhava,

⁴⁹ BAUMAN, *A arte da vida*, Zahar, Rio de Janeiro – 2009, p.35.

sem certeza e nos abismos da perdição, como a corça que almeja sem sessar, a presença do Senhor. Quando voltaremos a ver a face do Senhor? Essa pergunta nos questiona e exige reflexão para uma boa resposta. A partir do momento de nossa entrega total a Ele, sem nossa ganancia do consumismo, do ter e do poder sem necessidade. Voltar a ver a face do Senhor, é estar próximo da vida feliz, estar se deleitando as maravilhas daquele que tudo pode e que tudo sabe, daquele que sacia nossa felicidade com o pouco, e não com o muito sem necessidade, só que essa busca precisa ser constante e fiel.

As possibilidades que podemos assumir em meio a essa mudança de época, seria exercitar mais a atenção as coisas que nos levam as atitudes bestiais, ter um olhar para a sociedade com uma maior consciência das coisas. O caminho para seguir, é se comprometer a achar junto a felicidade e a garantia da vida feliz, listando o que é bom, e colocando para fora da vivencia as coisas do vazio angustiante de uma sociedade bagunçada, mas com futuro. Muitos são os desafios que diariamente todos enfrentam, viver hoje acaba sendo um desafio, aspirar o amanhã as vezes é impossível, pelo simples fato de que o hoje da nossa vida e da história, nos machucou, nos machuca e certamente nos machucará. Portanto, caminhamos com esperança, mas com um firme propósito de a felicidade ser realmente encontrada, e através disso, ser vivida e compartilhada.

Santo Agostinho (1998), e Zygmunt Bauman (2009), se diferem em muitos caminhos e pensamento como podemos ver em nossos estudos, tudo isso, fruto de um tempo e de uma sociedade diferente. O que basicamente é uma identificação de ambos, é que, todos procuram a alta reflexão da felicidade, seja ela verdadeiramente pela presença real e suprema de Deus, ou pelo fato da aquisição de algum bem que lhe faça feliz. Chegar à felicidade completa, certamente é uma dadiva, e se podemos chegar, seja por lutas, ou por conquistas, é porque procuramos e encontramos, buscamos e corremos até a satisfação. O importante de tudo, é que, a vida feliz se realiza para todos aqueles se permitem busca-la, e conseqüentemente encontrá-la.

CONCLUSÃO

Após o grande e profundo percurso investigativo e reflexivo de todo este trabalho, observamos como existem diversas formas e caminhos para se alcançar a felicidade. Desde os filósofos antigos, como Aristóteles e Agostinho, até a contemporaneidade, chegando em Zygmunt Bauman, percebemos como a vivência da vida feliz é almejada e desejada entre os seres humanos. A crise de sentido em nossa sociedade atíça nosso interior a estar saciado por algo que nos satisfaça completamente, fazendo buscar a felicidade em outros caminhos, como por exemplo, nas riquezas, na posse de bens materiais, no poder entre outras coisas.

Santo Agostinho ajuda-nos a refletir sobre a questão da posse da felicidade. Em sua obra "*Vida Feliz*", o filósofo afirma que a felicidade se dá na posse de Deus, que é a verdade imutável, o supremo bem eterno. Após percorrer longo caminho, o filósofo chega a essa conclusão e afirma que "quem possui a Deus é feliz" (AGOSTINHO, 2019, p.131). Ou seja, ele acredita que a vivência da felicidade somente é possível na imortalidade e o que vivenciamos aqui na terra é somente uma esperança da vida eterna com Deus.

É impossível compreender de maneira completa a questão da felicidade em Santo Agostinho, baseando-se apenas em sua obra *Vida Feliz*, pois, depois deste livro que é focado exclusivamente na investigação da posse da felicidade, outras obras foram escritas pelo autor que também refletiram sobre tal questão. É como se Agostinho fosse aprimorando a sua investigação na busca do encontro da vida feliz.

O caminho de Agostinho foi de acordo com o contexto de seu tempo e dentro da realidade religiosa do seu cotidiano. A sua conversão o deixou guiar para um caminho de satisfação máxima, tornando-se um dos autores mais famosos em como alcançar a felicidade, além de escrever diversas confissões sobre a sua vida e testemunhando como chegou a buscar Deus ao longo de sua história. O filósofo encontrou na fé a sua realização pessoal. Com a graça divina, satisfez-se completamente.

Agostinho alcançou a sua felicidade na posse de Deus, satisfazendo a sua sede interior e fazendo a sua própria filosofia, sem deixar de lado o seu fervor religioso.

Contudo, a felicidade não é necessariamente reservada apenas aos cristãos. A posse de felicidade é algo comum entre os seres humanos, independente de religião, crença, ideologias, classe social etc. Todo ser humano é livre para trilhar seu próprio caminho para o encontro da vida feliz.

Na sociedade atual, são diversos os caminhos para se encontrar a verdadeira felicidade. Tantos que, como já vimos, nem todos levam à satisfação do interior, tornando impossível o alcance da vida feliz. Todavia, isso não impede de o ser humano seguir seu sonho de realização pessoal, e muito menos irá forçá-lo a se converter ao cristianismo para ser feliz.

O ser humano pode alcançar a felicidade buscando a satisfação de sua alma através de diversas formas como, por exemplo, pela prática da bondade no seu cotidiano, distribuindo bons frutos de gentileza por onde passa; não criando inimizade entre os seus familiares e amigos, mas sempre ouvindo e aprendendo com os que já alcançaram alto nível de experiência na busca da vida feliz; buscando bons momentos, em que a alegria seja expressada através dos sorrisos e fraternidade; e à medida do possível, atingindo a paz de espírito, visto que é uma das satisfações que alcança a alma e faz o ser humano se sentir realizado.

A busca da felicidade precisa ser fundamentada em algo concreto e que satisfaça o interior, que seja de fato, eterno e imutável. Santo Agostinho encontrou sua felicidade fundamentada na fé em Deus, ignorando, com isso, as alegrias passageiras, os prazeres terrenos, as paixões desenfreadas e as ilusões que só o guiavam para a falsa felicidade. Portanto, seguindo o exemplo de Santo Agostinho, é necessário que o ser humano busque algo para além da materialidade.

Para Santo Agostinho, a felicidade plena será atingida a partir do momento em que a alma estiver experimentada à satisfação, que contém os desejos transcendentais a esta vida terrena. Por isso, a alma nunca ficará saciada com os prazeres e bens materiais, que são finitos e mutáveis. Tudo nesta vida terrena é passageiro: o corpo, as paixões, os bens materiais, as riquezas, etc. É preciso almejar um bem imutável, que traga a satisfação completa para os anseios humanos. Para Santo Agostinho, este anseio só será saciado na vida celeste, quando vivermos na cidade de Deus, em sua presença.

Ser feliz em nossa sociedade hoje, não é algo tão fácil como se parecer ser, nesse momento estamos falando da felicidade com sentimento de vida. Uma vida é única e preciosa aos olhos de Deus criador, e de quem amamos, sim, todas as vidas importam. Nos últimos dois anos (2020-2021) a humanidade vem enfrentando e lutando diariamente para o combate total do vírus que ceifou em todo mundo, mais de cinco milhões de pessoas. Viver em meio a uma pandemia não é nada fácil, viver lutando para conseguir sobreviver e mais difícil ainda.

Queremos refletir diante de tudo isso a possibilidade de sermos felizes nos dias de hoje, mesmo com tantas mortes e diversos acontecimentos da história. Ser feliz nos dias de hoje, até onde acompanhamos em nosso trabalho, é a possibilidade de encontrar algo máximo para a satisfação própria, ou até mesmo aquilo que não é tão importante assim e que não precisamos de imediato.

Em meio ao grande desafio mundial da pandemia do Covid-19 que estamos vivendo hoje, será que não encontramos a felicidade lutando pela vida? De certa forma, nos livrando do vírus e saindo do hospital? Tendo a graça do respirar novamente após um grande período de enfermidade? A pandemia do Covid 19, tirou da humanidade aquilo de mais precioso que temos, que é a nossa vida, e por conta disso, muito sofrimento e desolação.

Quando uma pessoa morre, uma família morre junto com ela, pois bem, então temos mais de cinco milhões de famílias que morreram, e estão em grande sofrimento e tristeza. O vírus nos tira algo de mais preciso que temos, que é a chance de respirarmos, isso não pode ser feito por mais ninguém, a não ser você próprio. Uma vez, quando nos deparamos sem ar, não temos a graça da vida.

Quanta luta, quanto medo, quanta desgraça, quanto choro e pedido de ajuda, quantos descasos por parte dos poderes maiores, da nossa política. Nossa sociedade hoje, vive o medo da vida, e almeja incansavelmente a esperança da volta, e o grande recomeço da vida. Em meio a tudo isso, podemos encontrar felicidade, podemos ter uma vida feliz? Essa nossa resposta precisa ser gradual. Mas uma coisa que podemos dizer, é que, a felicidade que precisamos hoje se chama esperança, vitória, força de vontade, empenho, muita luta e garra. Essa felicidade não mais como algo que não precisamos e mesmo assim buscamos incansavelmente, como refletimos mais posteriormente em relação a felicidade momentânea e consumista, mas uma

felicidade extremamente boa e necessária. Se assim podemos dizer, diante da atual crise pandêmica do Covid-19 que estamos vivendo hoje, felicidade ganha um novo sentido, uma nova importância, felicidade se torna vida.

Quem não luta, não consegue vencer os desafios. Isso fica muito claro em nossa sociedade, só estamos conseguindo vencer todo esse problema, com a luta, força de vontade de cada pessoa, como nos diz o ditado “A união faz a força”, e isso é bem verdade mesmo. De um tempo de isolamento social mundial, paralisação mundial de pelo menos cinco meses no ano de 2020, o ano que a terra literalmente parou, para um progresso muito significativo de evoluções, curas e mudanças. Chegamos no momento de desespero, até mesmo pensando que todos iriam morrer, com esperança e fé em primeiro lugar, e o grande milagre aconteceu, a ciência nos surpreende mais uma vez, com uma vacina feita em menos de um ano, sem muitos testes para saber da sua eficácia, o importante era imunização e a possível salvação da humanidade que chorava e tremia de medo. Sim, isso é felicidade.

Em um momento de tensão, fé e ciência trabalharam juntas, uma unida a outra. Isso é felicidade, muitos festejos de conquista e missão quase concluída. Passados quase dois anos, a humanidade volta aos poucos no chamado “novo normal”, colocando as coisas no lugar, e enxergando a luz da esperança, que fora apagada por conta das milhões de mortes em todo o mundo. Ao sufoco do choro, infelizes e tristes, aborrecidos e sem luz, pelas adversidades e problemas, para o reavivamento da felicidade vivida em comum acordo e bem de todos, pois se hoje já podemos festejar os avanços científicos da nossa história, é porque existiu muitas vibrações positivas, orações, e a presença constante da verdade, iluminado a mente e o coração de muitas pessoas.

Crer em Deus é algo sério e desafiador. Santo Agostinho nos ensina a prática do conhecimento da verdade, e sempre nos diz da felicidade do homem em conhecer e seguir a Deus, assim como ele fez. Não existe outra explicação para a sociedade atual, do que a presença, a mão bondosa e onipotente de Deus, olhando e guiando todas as pessoas, para a vida e não para a morte, abençoando todas as mentes para o conhecimento e oportunidades para salvar vidas. Ser feliz hoje, nos leva a fazer uma reflexão sobre a importância da vida, e de nos amarmos mais, pois tudo isso é passageiro, e num piscar de olhos, podemos parar de respirar, fechar nossos olhos e

nos deligarmos desse mundo. Feliz aquele que sabe amar e viver bem, dentro das suas condições e possibilidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Primária

- AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Paulus, 1997.
- AGOSTINHO, Santo. **A Vida Feliz**. São Paulo: Paulus, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. **A Arte da Vida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. **Medo Líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

Secundária

- AGOSTINHO, Santo. **Solilóquios**. São Paulo: Paulus, 1998.
- AGOSTINHO, Santo. **A graça (I)**. São Paulo: Paulus, 1998.
- AGOSTINHO, Santo. **A verdadeira Religião**. São Paulo: Paulinas, 1987.
- GILSON, Étienne. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**. São Paulo: Paulus, 2007.

Terciária

- BÍBLIA – **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo, 2002.
- FITZGERALD, Allan. **Agostinho através dos tempos**. São Paulo: Paulus, 2018.
- MOURA, Ferrater, J. **Dicionário de filosofia**. T. II. Tradução Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2000.